

DIÁLOGOS NA EXTENSÃO RURAL

Semeando propostas, compartilhando saberes

Organizadores:

Luís Fernando Soares Zuin

Ezequiel Redin

Paula Andrea de Santis Bastos

Fabio Gregori

aurora
Rede Latino-americana de Diálogos em Ater Digital

Volume 2


2023 - 2033
Horizonte Ater
O futuro da Ater na América Latina


Ciclo de
Formação do
Extensionista


Ciclo de palestras
PESQUISA
em **PROSA**


Diálogos em Ater Digital:
**SEMEANDO PROPOSTAS,
COMPARTILHANDO SABERES.**



DIÁLOGOS NA EXTENSÃO RURAL
semeando propostas, compartilhando saberes

Volume 2

Luís Fernando Soares Zuin
Ezequiel Redin
Paula Andrea de Santis Bastos
Fábio Gregori

(organização)

Juliana do Amaral Moreira C. Vaz
Roberta Mara Züge

(palestrantes)



Copyright © Autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que sejam levados em conta os direitos dos autores.

Luís Fernando Soares Zuin; Ezequiel Redin; Paula Andrea de Santis Bastos; Fabio Gregori

Diálogos na extensão rural: semeando propostas, compartilhando saberes. Vol. 2. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 99p. 14,8 x 21 cm.

ISBN: 978-65-265-1108-4 [Digital]

1. Extensão rural. 2. Ater 3. Educação. 4. Digital. I. Título.

CDD – 370

Capa: Gabriel Arroyo

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

Rede Aurora

Diálogos em Ater Digital na AL

A Rede Aurora¹ é um coletivo composto por pessoas vinculadas a universidades, órgãos de extensão rural, defesa agropecuária e pesquisas da América Latina e Europa, que estão interessadas no desenvolvimento participativo e dialógico dos serviços de Ater. Ela busca construir caminhos comunicacionais dialógicos para a apropriação social do conhecimento científico e dos saberes-fazeres pelas pessoas no campo, academia e demais instituições que compõem a produção agropecuária. Caminhos dialógicos em que são compartilhadas as vivências dos seus integrantes e pessoas convidadas. A rede procura auxiliar a concretização de diálogos e encontros entre seus membros e convidados, que contribuam para desenvolvimento de ações pedagógicas, as quais estejam alinhadas aos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Organizações das Nações Unidas. A troca de vivências entre seus integrantes procura contribuir para a construção de um espaço rural plural, que seja ambientalmente sustentável e socioeconomicamente equânime. Entre em contato conosco pelo e-mail redauroraal@gmail.com.

¹ A Rede Aurora faz parte de um projeto de extensão universitária da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da Universidade de São Paulo (FZEA-USP) intitulado "Rede Latino-americana de diálogos em ATER digital", coordenado pelo Prof. Luís Fernando Soares Zuin.

O Extensionista

O Extensionista² é um projeto de extensão universitária em que se promove a divulgação, o intercâmbio, a popularização do conhecimento gerado no meio acadêmico, nas instituições de pesquisa e nas agências de Extensão Rural para os estudantes, comunidades e famílias rurais. O Extensionista se constitui em um portal de divulgação sobre assuntos relacionados ao mundo da agricultura, da extensão rural e do desenvolvimento. O portal é um espaço virtual que se propõe conectar extensionistas, pesquisadores, agências de desenvolvimento rural, gestão pública, agricultores e jovens rurais sobre informações da área no Brasil e no mundo. O projeto surgiu com o objetivo de contemplar um elo nunca antes imaginável – a aproximação entre agricultores, jovens rurais, acadêmicos, formuladores de políticas públicas, professores e pesquisadores do mundo rural. É uma plataforma online para criar um espaço para um verdadeiro elo de troca de experiências, nunca antes possível de forma tão intensa, no meio rural brasileiro. Entre em contato conosco pelo e-mail: portaloextensionista@gmail.com.

² O Extensionista é um projeto de extensão universitária do Departamento de Ensino do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), intitulado: "O Extensionista: a ponte digital entre a pesquisa e a comunidade rural". Entre 2019 a 2022 esteve registrado no Instituto de Ciências Agrárias (ICA) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Campus Unai, MG. Com a redistribuição do coordenador do projeto, Prof. Ezequiel Redin, passa a constituir parte do legado da UFSM.

Apoios e Agradecimentos

Agradecemos às seguintes organizações que nos apoiaram sugerindo os nomes dos palestrantes e também divulgaram os nossos quatro ciclos de palestras, os quais compõem essa série de livros:

- Ministério da Agricultura e Pecuária do Brasil (MAPA)
- Centro de estudos e pesquisa “Linking Landscape, Environment, Agriculture And Food” (LEAF-ESA-UL) da Escola Superior de Agricultura da Universidade de Lisboa (Portugal)
- Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Brasil
- Programa de Pós-graduação em Agronegócio e Desenvolvimento (PPGAD) da Faculdade de Ciências e Engenharia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Brasil
- Programa de Pós-graduação em Estudos Rurais (PPGER) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Brasil
- Pós-Graduação em Administração da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (UNESP/Jaboticabal), Brasil
- Pós-Graduação Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos (PPGCTS/UFSCar), Brasil
- Portal Extensión para Extensionistas, Argentina
- Laboratório de Análises Socioeconômicas e Ciência Animal da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (LAE/FMVZ/USP), Brasil
- Grupo de Estudos Aplicados em Finanças (GEAFIN/UNESP- Jaboticabal), Brasil

- Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER)
- Federação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Assistência Técnica, Extensão Rural e da Pesquisa do setor Público Agrícola do Brasil (FASER)
- Associação Paulista de Extensão Rural – APAER, Brasil
- Rede de Pesquisa, Inovação e Extensão em Desenvolvimento Rural (Rede Campo), vinculado a UTFPR, Brasil
- Associação Brasileira das Entidades de Assistência Técnica e Extensão Rural, Pesquisa Agropecuária e Regularização Fundiária (ASBRAER), Brasil
- Grupo de Estudos Aplicados em Finanças (GEAFIN/UNESP/Jaboticabal), Brasil
- Central das Associações das Mulheres do Cacau do Espírito Santo.

Agradecemos o apoio do Programa Unificado de Bolsas de Estudos (PUB) para Estudantes de Graduação da Reitoria da Universidade de São Paulo, com a concessão de uma bolsa para a aluna Jessielem Rodrigues de Moura Fé, que ajudou nos trabalhos de revisão deste livro.

Autores e Organizadores

Ezequiel Redin

Docente do Departamento de Ensino do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos Rurais (PPGER) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Minas Gerais. Editor do Periódico Extensão Rural (UFSM) e Editor da Revista de Gestão e Organizações Cooperativas (UFSM). Coordenador do projeto O Extensionista e do Programa do Geoparque de Assistência Técnica e Extensão Rural (PROGEATER). Contato: ezequiel.redin@ufsm.br

Fabio Gregori

Médico veterinário formado pela Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (USP) e pedagogo formado pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Realizou mestrado e doutorado em epidemiologia experimental e aplicada às zoonoses pelo Departamento de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Animal da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é professor doutor da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (USP). Contato: acme@usp.br

Juliana do Amaral Moreira C. Vaz

Médica veterinária. Graduação pela Universidade Federal Fluminense. Mestrado em microbiologia e imunologia pela Universidade Estadual de Campinas. É auditora fiscal federal agropecuária do Ministério da Agricultura e Pecuária desde 2002.

Atualmente, é chefe do Setor de Educação Sanitária do Departamento de Serviços Técnicos, da Secretaria de Defesa Agropecuária do MAPA (SEDUC/DTEC/SDA/MAPA). Contato: juliana.moreira@agro.gov.br

Luís Fernando Soares Zuin

Docente do Departamento de Engenharia de Biosistemas da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da Universidade de São Paulo (FZEA-USP). Apresenta linhas de pesquisas e extensão universitária voltadas para o desenvolvimento de metodologias de ensino e aprendizado nos territórios rurais. Coordenador da “Rede Aurora de diálogos em Ater Digital na América Latina”. Líder do Grupo de pesquisa Horizonte Rural que estuda metodologias de Assistência Técnica e Extensão Rural nos ambientes digitais de comunicação. Zootecnista (UNESP-FCAV) com doutorado em Engenharia de Produção (DEP-UFSCar). Contato: lfzuin@usp.br

Paula Andrea de Santis Bastos

Docente do Mestrado em Saúde e Meio Ambiente e da Faculdade de medicina veterinária da Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES). É médica veterinária pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRuRJ), mestre e doutora em medicina veterinária pela Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ-USP). Apresenta linhas de pesquisa em bem-estar animal, educação em saúde única e medicina veterinária do coletivo. Contato: paulaasbastos@gmail.com

Roberta Mara Züge

Possui graduação (1996), mestrado (1999) e doutorado (2001) em medicina veterinária pela Universidade de São Paulo. Coordenou o projeto de elaboração da norma brasileira de certificação de leite (MAPA). Trabalhou em institutos de pesquisa e na iniciativa privada. É consultora na área de certificação de produtos agropecuários, implantando programas de garantia da qualidade e boas práticas agropecuárias, tanto para atendimento legal quanto para exportação. Atualmente é médica veterinária em Luxemburgo, habilitada para atuar no país. Contato: ro.zuge@gmail.com

Apresentação dessa série

No ano de 2023 surgiram novos caminhos para a divulgação da educação científica da academia e dos saberes-fazeres das atividades a campo dos órgãos de Extensão Rural e Fiscalização Agropecuária na América Latina. Um deles foi colaboração entre o “Portal O Extensionista” e a “Rede Aurora de Diálogos em Ater Digital na América Latina”. Por meio das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) estes projetos de extensão universitária transcenderam as fronteiras geográficas de suas universidades e construíram um legado de informações e conhecimentos. Para isso contaram com a colaboração de especialistas (professores, pesquisadores, extensionistas rurais e agentes de fiscalização), que estudam e trabalham nos mais variados temas que permeiam os territórios rurais, de países da América Latina, Europa e África. Essa colaboração ocorre por meio dos quatro ciclos de palestras que foram criadas em conjunto por essas duas redes, sendo: “Diálogos em Ater Digital: semeando propostas, compartilhando saberes”; “Horizonte Ater 2023-2033”; “Pesquisa em Prosa”; “Formação do Extensionista Rural”. Os ciclos procuraram identificar e propor caminhos metodológicos e formativos para os atuais elementos formativos dos técnicos que trabalham nos territórios rurais. A série de livros “Diálogos na extensão rural: semeando propostas, compartilhando saberes” irá selecionar e transcrever um conjunto de palestras desses ciclos, que mais se destacaram, para serem publicadas nessa nova série. Acreditamos que estes relatos das vivências, principalmente dos extensionistas rurais e agentes de fiscalização, possam inspirar novas gerações de técnicos que estejam preocupados em desenvolver um território rural mais sustentável, justo e igualitário. Tenham todos uma boa leitura!

os organizadores

Prefácio

O trabalho que esta publicação traz, mostra a coragem de duas mulheres ao assumirem desafios que poucos têm a coragem de enfrentar.

Juliana do Amaral teve como desafio ressuscitar um programa criado, no longínquo 2006, por um grupo de idealistas, que, por anos, sonhavam em ver instituído um Programa Nacional de Educação Sanitária no Ministério da Agricultura. Sabiam das dificuldades que iriam enfrentar e, por isso, o programa recebeu o nome de PROESA, pois sempre enfrentou o descrédito, o menosprezo e até resistência para que não desse certo. Felizmente, o sonho persistiu porque, em vários estados brasileiros, os serviços estaduais criaram suas estruturas e realizaram cursos de Educação Sanitária na formação de seus profissionais. Surgiram projetos educativos e um estado começou a intercambiar suas experiências e projetos com outros, resultando que o Ministério reviu sua posição e resolveu reativar o PROESA. Dada a sua experiência bem sucedida, em São Paulo, onde foi criada uma comissão interinstitucional de Educação Sanitária, a colega Juliana do Amaral foi convidada para assumir o processo de ressurreição do PROESA. E, sabiamente, se apoiou num grupo de professores, de colegas com experiência na área de todos os cantos do país, que reunidos na I Oficina de Educação Sanitária, em novembro de 2022, em Brasília, discutiu-se e assim estabeleceu-se as linhas de atuação do PROESA. Juliana formou uma equipe de colaboradores de várias áreas da Defesa e de outros órgãos e instituições com ações correlatas que têm contribuído com o Programa.

Neste trabalho vamos apreciar as propostas e as novas estratégias educativas que o PROESA está instituindo, como a autora nos relata.

Roberta Züge, médica veterinária, ao deixar o emprego seguro no Brasil, como pesquisadora, aficionada por extensão, ir a um país estrangeiro, pequeno e, ao mesmo tempo complexo, para realizar o sonho de sua filha em ser estudante nesse país. Ela nos mostra como é viver num país pequeno, que alberga cerca de seiscentos e cinquenta mil habitantes, onde se fala três idiomas oficialmente, além de outros praticados. Que metade da população é de imigrantes e cada atividade econômica tem uma língua mais falada. Relata a dificuldade no exercício profissional em função da linguagem predominante no meio rural e na regularização profissional, posto que no país inexistia faculdade de Medicina Veterinária. Superados esses fatos, regularizou-se e exerce a profissão. Com grande detalhamento, ela nos mostra como o multilinguismo interfere na vida econômica do país e como a sociedade luxemburguesa supera essas dificuldades. Uma dessas maneiras de superação é o apoio ao desenvolvimento tecnológico das propriedades, com forte apoio do serviço de extensão rural, na produção de material educativo, bem como de entidades de controle da qualidade dos produtos. Os financiamentos são facultados a quem tem comprovação do desempenho da sua produção. Outro aspecto fundamental é o engajamento dos jovens e a valorização de sua participação nas ações voltadas para o meio rural, bem como na formação do jovem, preparando-o para se tornar um novo produtor rural.

Clovis Thadeu Rabello Improta
Professor do PPGMPDSA/UEMA
Médico Veterinário

Sumário

Cap. 1	Modernização do Programa de Educação Sanitária em Defesa Agropecuária - PROESA-MAPA Juliana do Amaral Moreira Conforti Vaz Ezequiel Redin Luís Fernando Soares Zuin	14
Cap. 2	A tecnologia no campo frente ao multilinguismo Europeu Roberta M. Züge Ezequiel Redin Luís Fernando Soares Zuin	66

Capítulo 1

Modernização do Programa Nacional de Educação Sanitária em Defesa Agropecuária - PROESA MAPA¹

Juliana do Amaral Moreira C. Vaz
Ezequiel Redin
Luís Fernando Soares Zuin

Ezequiel Redin

Iniciamos este encontro com a temática intitulada: “Modernização do Programa Nacional de Educação Sanitária em Defesa Agropecuária - PROESA” pela Médica Veterinária e Auditora Fiscal Federal Agropecuária (MAPA) Juliana Moreira.

Ela apresentará um breve histórico da evolução normativa a este respeito, o que vem a ser este programa, os desafios e perspectivas de desenvolvimento da Educação Sanitária entre outros aspectos.

Luís Fernando Soares Zuin

Juliana faz um trabalho não só maravilhoso junto ao PROESA (MAPA), com algo inovador, aliando na educação no campo as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, por meio da formação de redes de técnicos e agricultores. Sem dúvida, este trabalho, vem alcançando uma repercussão e abrangência enormes

¹ Palestra completa disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=a0DHQpBFw2U&list=PLEE7IS4DpOsfRpeTP3JlolKWPY13fPRCT&index=16>

Juliana Moreira

Obrigada pela oportunidade e pelos elogios, Prof. Zuin. Vou discorrer sobre o PROESA, que é o Programa Nacional de Educação Sanitária em Defesa Agropecuária. Esse programa foi instituído em 2008, através da Instrução Normativa (IN) MAPA nº 28, de 15/05/2008², e poderia dizer que esteve ativo por uns dois ou três anos, porém por variadas causas, permaneceu de certa forma latente dentro do Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA).

Até que no ano passado (2022), a direção do Departamento de Serviços Técnicos, apoiada pela Secretaria de Defesa Agropecuária, criou um serviço de Educação Sanitária com o objetivo de reestruturar esse programa e colocá-lo novamente em plena atividade. Nesse contexto, o nosso trabalho visa o fortalecimento do PROESA, agora dentro de uma perspectiva colaborativa entre todas as pessoas e instituições envolvidas ou impactadas positivamente pela educação. Dizemos que o PROESA é um programa "de todos e para todos e que juntos somos mais fortes". Consequentemente temos um ambiente rico e diverso, com diferentes profissionais, cujas visões convergem para a Saúde Única, integrando pessoas, animais, ambiente, alimentos dentro de uma visão indissociável. Isso é o que traz a riqueza e o fortalecimento do programa e a concretização das ações.

Estes valores refletem-se na missão do PROESA, criada a partir da interação destes diferentes membros, que é "Promover a articulação interinstitucional para fomentar e implementar políticas públicas de Educação Sanitária em benefício da saúde única e da sustentabilidade socioambiental".

² Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/defesa-agropecuaria/proesa/legislacao/instrucao-normativa-no-28-de-15-de-maio-de-2008/view>

Um resultado visível é justamente essa articulação interinstitucional, através da existência de uma rede colaborativa que compartilha ações e experiências, pede apoio e também auxilia, nos mais variados cenários de atuação da Educação em Saúde, contando, atualmente, com mais de 60 instituições.

O PROESA é coordenado pela Secretaria de Defesa Agropecuária, por meio do Departamento de Serviços Técnicos. Inicialmente criado como um serviço de Educação Sanitária, foi reestruturado e hoje é um “Setor de Educação Sanitária”. Aliás, o PROESA está inserido no Sistema Unificado de Atenção à Sanidade Agropecuária (SUASA), que através do Decreto nº 5.741, de 30/03/2006³, seja no seu Art.1º, § 2º, reconhecendo a Educação em Saúde como um de seus elementos constitutivos.

Assim, é oportuna a citação de Jules Michelet (1846) ao relatar que *“um sistema de legislação é sempre impotente se, paralelamente, não se criar um sistema de educação”*. Por exemplo, em minha realidade enquanto Auditora Fiscal Federal Agropecuária, por mais de 20 anos de atuação, constatamos que não adianta ter uma forte fiscalização, se não tiver a educação trabalhando paralelamente, já que são sinérgicas.

Prosseguindo na análise deste Decreto, chamamos atenção ao Art. 14, ao definir que cabe à instância central e superior do MAPA, tanto em Brasília quanto nas unidades federativas, a regulamentação, a regularização, a implantação, a implementação, a coordenação e a avaliação das atividades referentes à educação sanitária em defesa agropecuária.

Como existem três instâncias no SUASA, sendo elas a local, intermediária e central, referindo respectivamente, referindo-se aos municípios, estados e federal, compete ao PROESA a gestão de forma articulada entre elas, sejam elas organizações públicas ou privadas, tal como consta na Seção IV, em que: se prevê *“apoiar ações de educação sanitária dos segmentos*

³ Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/defesa-agropecuaria/proesa/legislacao/decreto-no-5741-de-30-de-marco-de-2006/view>

públicos e privados da cadeia produtiva e também da sociedade".

Já o Art. 39 - é especialmente relevante ao afirmar que: "A educação sanitária é atividade estratégica e instrumento de defesa agropecuária no SUASA para garantir o comprometimento dos integrantes da cadeia produtiva agropecuária e da sociedade em geral". Isso confere à Educação em Saúde uma dimensão transversal em Defesa Sanitária.

Isto posto, foram construídas junto ao PROESA seis diretrizes:

1) Definição e implementação de políticas públicas de educação sanitária. Porém precede a necessidade de aprimoramento da legislação, que sejam melhor fundamentadas e amparadas, e é algo que já estamos trabalhando nesse sentido, seja na criação ou na atualização de normativas.

2) Fortalecimento, aumento da abrangência, aperfeiçoamento das ações orientadas para a educação sanitária. Desenvolvimento e implementação dos planos, projetos e ações de atividades de educação sanitária. Para atendê-la, criamos as "Operações de Educação" as quais traremos detalhes mais adiante. Também, quanto ao fortalecimento da abrangência e aperfeiçoamento das ações de educação o MAPA tem dialogado e apoiado órgãos estaduais e municipais.

3) Formação e capacitação dos multiplicadores, os quais denominamos "técnicos educadores", ainda que não haja uma normativa a esse respeito. Este termo foi inspirado nos ensinamentos do educador Paulo Freire e é o mesmo que utilizamos ao empregar a metodologia "Diálogos dos Territórios Rurais", desenvolvida pelo Prof. Zuin, já que quando vamos realizar uma atividade de fiscalização, nós podemos, conjuntamente, realizar uma ação educativa, orientando maneiras de se corrigir ou prevenir determinadas situações em Saúde. É lógico que nós não vamos prevaricar ou deixar de atuar se encontrarmos irregularidades, mas ali naquele momento, é importante promover um diálogo com o produtor, até para ele

entender que é necessário a aplicação da legislação da multa.

4) Promoção do intercâmbio de experiências. Dessa forma, temos que ser um fórum de discussão de ideias e projetos e, para isso, mediamos grupos de WhatsApp com temáticas específicas e uma outra unificada, a rede PROESA, voltada a temas mais amplos.

5) Estabelecimento de mecanismos permanentes para a participação de parceiros e beneficiários do PROESA. Nesse contexto, trabalhamos não só para promover o intercâmbio de experiências, mas também para consolidar esses mecanismos de forma permanente, contando com a participação frequente dos parceiros. Os mecanismos permanentes constituem a institucionalização e regulamentação da rede PROESA, o fomento e o incentivo para que os estados criem as Comissões Estaduais de Educação Sanitária, como também a criação de uma Comissão Nacional de Educação Sanitária.

6) Elaboração de materiais educativos, que se somam com as ações e oferecem um subsídio pedagógico. A ideia é que sempre se produzam bons materiais de referência para serem utilizados nas ações e projetos educativos.

Visando atendê-las com maior eficiência, no Ministério da Agricultura, com apoio do Departamento de Gestão, estamos utilizando e aperfeiçoando um sistema de gestão do PROESA, mediante a definição de objetivos estratégicos e estabelecimento de metas, que servem também como indicadores do desenvolvimento de nossas atividades. Por exemplo, uma das nossas metas foi a criação da rede nacional do PROESA, instituída durante a Oficina de Educação Sanitária que nós apresentamos em 18/11/2022, mediante articulação com as instituições de diferentes estados brasileiros presentes no evento. Como dissemos, ela tem dois objetivos principais. O primeiro busca ser um canal de intercâmbio de experiências, vivências e saberes, sendo um ambiente mobilizador, fomentador para concretização de planos, projetos e ações educativas. Já o

segundo, consiste em ser um canal consultivo e de assessoramento para a gestão do PROESA, uma vez que esta rede congrega excelentes profissionais de renome nas áreas de educação e comunicação e que nos dão esse assessoramento. Também promovemos reuniões bimestrais com o intuito de discutir aspectos e ações contempladas nas diretrizes do PROESA. Estamos, através de nossos diferentes canais, identificando e conectando parceiros para a concretização dos projetos (Figura 1).

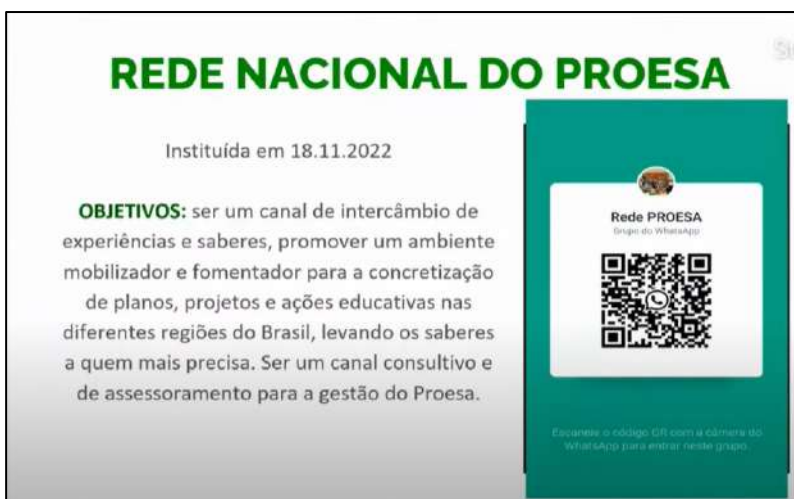


Figura 1 - Objetivos da rede nacional do PROESA

Atualmente, a rede PROESA conta com 215⁴ participantes, mas esse número cresce a todo momento, uma vez que ela é aberta para todos que querem trabalhar com educação sanitária. No momento temos 38 instituições representadas, dentre elas a EMBRAPA, IBAMA, todas as agências de Defesa

⁴ Atualmente, março de 2024, a rede PROESA é formada por 399 participantes pertencentes a 62 organizações.

Agropecuária órgãos e organizações de Extensão Rural, Secretaria de Saúde, associações privadas como a ABPA, ABIFINA, FUNDESA e CROPLIFE, por exemplo.

Nós trabalhamos em parceria dividindo as responsabilidades frente a um objetivo comum, o que acaba por levar a um maior engajamento e conseqüentemente melhores resultados. Outro ponto importante é a função multi-institucional e multidisciplinar, o que leva a uma riqueza de ideias, de criatividade e de projetos que nela se iniciam.

Por exemplo, cito o modo colaborativo quanto a elaboração do livro “Diálogos para a Prevenção da Covid nos Territórios Rurais”⁵, coordenado pelo Prof. Zuin, do qual fui uma das autoras, e que pudemos – inclusive - transpor a mesma estrutura de elaboração deste material de ensino para variados temas específicos em Defesa Agropecuária. Detalharei mais adiante estes livros, mas adianto que dispomos de 4 títulos⁶ publicados nesta linha. Tudo começa com a discussão conjunta de ideias a respeito de um tema em Saúde e trabalhamos multidisciplinarmente para que cada um, dentro das suas competências, colabore na confecção dos roteiros das mensagens de voz, vídeos, gráficos e textos, resultando em um conjunto de recursos didáticos e conhecimentos prontos para a aplicação em campo.

Em uma das citadas diretrizes consta o estímulo à formação de comissões estaduais de Educação Sanitária. Desde a criação da IN nº 28, de 15/05/2008, que o MAPA vem orientando e fazendo educação sanitária dentro do escopo desta normativa. Em 2010, foi criada a Comissão de Educação Sanitária da Superintendência Federal de Agricultura em São Paulo, da qual tive a oportunidade de participar de sua construção, atuando entre

⁵ Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sustentabilidade/cesesp/dialogos-para-prevencao-da-covid-19-nos-territorios-rurais>

⁶ Atualmente, março de 2024, são cinco livros publicado utilizando a metodologia de comunicação “Diálogos nos territórios rurais”

os anos de 2010 a 2021. Agora, e a partir de 2022, estou em Brasília, levando o fortalecimento da educação sanitária para todo o território nacional, a partir desta experiência estadual.

Eu ressalto aqui a participação dos colegas, da Isabel Giovannini, que é auditora fiscal aposentada do MAPA, engenheira agrônoma que foi uma das grandes responsáveis pela criação desta Comissão de Educação Sanitária e pelo sucesso no estado de São Paulo. E, também da parceria que tivemos, no início, com a Coordenação de Defesa Agropecuária (CDA), com a Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), e, a FAESP, o órgão representante dos produtores rurais. Além disso, ressalto a participação da professora Luzia, da UNESP Araçatuba, que desde o início também colaborou conosco. Por exemplo, cito nossa participação, em 2010, no curso de Educação Sanitária do Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA), em Minas Gerais, que igualmente é um grande fomentador da educação sanitária. Esta experiência muito nos inspirou para criar a nossa comissão de educação sanitária. Foi aí que tudo começou e agora estamos trazendo para a Rede PROESA essa forma de trabalhar e convidando todos os membros das comissões e demais interessados e representantes, tornando-a com representatividade nacional

Dentro das nossas atribuições, como eu disse, temos fomentado a produção de materiais educativos. Criamos a série “Diálogos para a Saúde Única no Campo”, que é um conjunto de livros que abordam, por meio de uma linguagem clara e acessível, temas da área de defesa sanitária agropecuária, para a população. E a nossa proposta é que esses livros sejam aplicados em projetos educativos de forma participativa e dialógica, junto com o setor produtivo e a sociedade.

Todos esses livros são baseados na metodologia de ensino-aprendizagem do Prof. Zuin, “Diálogos nos territórios rurais”, e convidamos a leitura do respectivo livro disponível gratuitamente no nosso site que apresenta seus fundamentos. Até

o momento produzimos quatro livros: “Diálogos para Boas Práticas no Uso de Produtos Veterinários”; “Diálogos para Prevenção da Raça 4 tropical da Fusariose em Bananeiras”; “Diálogos para a Prevenção da Peste Suína Africana”; e “Diálogos para a Prevenção da Influenza Aviária”. Esse último foi lançado pelo Setor de Educação Sanitária do Mapa (SEDUC/DTEC/SDA/MAPA), já representando o PROESA (Figura 2).



Figura 2 - Livros da série Diálogos lançados pela Comissão de Educação Sanitária (CES), da Superintendência Federal de Agricultura de São Paulo (SFA-SP) e MAPA

Os livros Diálogos não são apenas para serem lidos, mas sobretudo para serem aplicados na prática educativa no campo. Assemelham-se a uma "caixa de ferramentas" para o técnico-educador, visto que ofertam um conjunto de materiais educativos, como: cartazes, infográficos, vídeos, mensagens de texto e voz. O livro sugere estratégias de como seus materiais didáticos podem

ser utilizados nas atividades educativas, presenciais e remotas. Nas Figuras 3 e 4 estão expostos, alguns exemplos dos seus cartazes. No último livro, “Diálogos para a Prevenção da Influenza Aviária”, traduzimos o seu conteúdo para a língua espanhola. E nesse livro há uma inovação pedagógica que foi a produção de vídeos de curta duração.



Figura 3 - Exemplos de materiais didáticos (cartazes) dos livros da série Diálogos publicados pelo MAPA



Figura 4 - Exemplos de materiais didáticos (para postagens em redes sociais) dos livros da série Diálogos publicados pelo MAPA

Este é um exemplo de um vídeo que produzimos, com a opção de download para apresentar em locais sem conexão de internet ou através da divulgação do link (consumindo menos dados) junto aos produtores.

Vídeo⁷

“Você sabe como suspeitar da influenza aviária? Nós somos o minuto saúde para todos no campo. Hoje vamos conversar sobre os sinais dessa grave doença. Em alguns casos, a doença pode causar uma mortalidade alta, sem que sejam observados sinais clínicos. Porém, as aves também podem apresentar sintomas clínicos graves, como apatia ou prostração intensa. Sinais respiratórios, como coriza, conjuntivite, dificuldade respiratória,

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YxTk7Dy1MA8>

sinais nervosos com incoordenação motora ou andar cambaleante. Paralisia, torcicolo, entre outros indícios que podem ou não estar presentes como diarreia, petéquias (manchas azuladas) na crista e barbela. As aves de postura podem apresentar uma queda acentuada na produção, com alteração na qualidade dos ovos. Por exemplo, ovos deformados, com casca fina ou até sem pigmentação. Vamos ficar atentos. Influenza aviária. Aqui não! Notifique suspeitas no e-Sisbravet. Ministério da Agricultura e Pecuária. Governo Federal, união e reconstrução.”

Todos os livros da série Diálogos possuem quadros (Figura 5) que expõem os seus temas e orientam o técnico-educador no uso dos materiais educativos. Para cada tema há um conjunto de mídias (vídeos, infográficos, cartazes, mensagens de texto e voz) que o técnico-educador pode escolher para a sua prática pedagógica. A ideia é trabalhar os conteúdos, semanalmente, em grupos de WhatsApp ou Telegram com os produtores rurais e com isso promover o diálogo e sensibilização do grupo, de modo que aprimore as suas rotinas de trabalho.

Muito mais do que um repositório de recursos, estruturamos um “Guia de Educação para Aplicação do Livro Diálogos” para que os técnicos-educadores entendam qual é a proposta metodológica, e como que deve ser a sua aplicação, que perpassa uma reflexão e adaptação às realidades locais em que se encontra.

Quadro 1 - Sugestões de combinações de ações pedagógicas e materiais didáticos para uso nos processos de ensino-aprendizagem nos territórios rurais.

Tema	Mensagem de Voz	Mensagem de Texto	Infográfico	Cartaz	Video
Conhecendo a influenza aviária	MV1 , MV2 , MV3 , MV4 , MV18	MT1 , MT2	INF01 , INF02	CART01 , CART03 , CART05 , CART11	Video 01 Video 07
Medidas preventivas para viagem ao exterior e retorno ao Brasil	MV5	MT3	INF05	CART07	Video 13
Biossegurança: a prevenção na propriedade rural	MV6 , MV7 , MV8 , MV9 , MV10	MT4	INF03 , INF04 , INF07 , INF09 , INF24	CART02 , CART06 , CART10 , CART14 , CART15 , CART21	Video 02 , Video 03
Como identificar aves suspeitas de gripe aviária?	MV11	MT5	INF11 INF02	CART09 , CART18	Video 04

Figura 5 - Exemplo de quadro com a listagem e possíveis combinações entre os temas e materiais didáticos disponíveis

Durante o planejamento da prática pedagógica, é muito importante que o técnico-educador conheça o seu público-alvo, através da aplicação, por exemplo, de “questionários educativos”, que são para avaliar o conhecimento, as práticas e atitudes do educando, identificando o seu grau e profundidade pelo assunto, além de saber outras informações, como nível de escolaridade, melhores horários para se fazer a ação educativa, dentre outros fatores. Depois dessa etapa, deve-se criar um grupo de WhatsApp e ser gerido pelos técnicos-educadores, que farão a multiplicação de ações e conhecimentos com os produtores, de acordo com as dinâmicas que vierem a ser estabelecidas.

Além desta ação digital, consideramos as interações presenciais importantíssimas! O caminho pedagógico utilizado é fazer uma reunião presencial, sempre que possível utilizando metodologias ativas, e então convidar o produtor rural para juntar-se ao grupo de WhatsApp, que além da circulação dos materiais

presentes nos livros Diálogos, será um canal de diálogo para compartilhamento de dúvidas e experiências sobre os assuntos tratados. A adesão do agricultor é sempre voluntária no grupo de WhatsApp, e o engajamento é muito maior quando esse convite é feito a partir de reunião presencial. Também sugerimos que, caso haja disponibilidade, sejam feitos encontros online síncronos através de videoconferência para se discutirem aspectos abordados no grupo, além de fortalecer esta rede, sendo mais um canal de diálogo, sobretudo para aqueles que eventualmente sejam mais tímidos ou não prefiram se expressar por texto.

Em se tendo finalizado os diferentes recursos do livro, indica-se um novo questionário para ver se houve internalização dos aspectos educacionais abordados, não se limitando em aspectos de memorização, mas de resolução de situações reais e atitudinais

Demos início às chamadas "Operações de Educação" com o intuito de fortalecer, integrar, motivar e mobilizar os setores produtivos. Para isso, formamos os técnicos-educadores para que deem continuidade aos projetos e ações educativas em uma determinada região, na quais demonstramos a aplicação da metodologia "Diálogos nos territórios rurais" e também realizamos alguns diagnósticos e avaliações, aplicando presencialmente metodologias ativas, de modo a: i. despertar uma percepção de horizontalidade entre todos os presentes; ii. maior participação e interações, através da formação de grupos, fazendo com que pessoas que eventualmente sejam mais tímidas se expressem; iii. despertar valores de acolhimento e de troca; e iv. que entrem em contato com outras estratégias - além da expositiva - de se abordar um conteúdo.

Como eu já disse, a nossa proposta pedagógica é realizar uma ação integrada, orientando as entidades, as lideranças, o setor produtivo e formar os técnicos-educadores, fornecendo a opção do uso da metodologia presente nos "Diálogos".

No que diz respeito a avaliação, também usamos o método Soma⁸ para estimar o impacto da ação educativa, nesse sentido relatarei um "piloto" que realizamos por ocasião do lançamento dos "Diálogos para a Prevenção da Raça 4 tropical da Fusariose".

Nesse sentido, iniciamos a capacitação articulando com os parceiros, dentre eles os órgãos estaduais de defesa agropecuária e extensão rural, e identificamos os educandos, para partirmos então para um planejamento conjunto. Foram feitos contatos com rádios, TV, jornais (e seus respectivos sites e redes sociais), sendo possível não apenas divulgar o evento de lançamento da atividade educativa, mas também publicar matérias sobre o tema da fusariose e conseqüentemente atingindo toda a comunidade local.

Demos início a capacitação dos produtores rurais e técnicos, estes do serviço de extensão rural e de defesa sanitária, promovendo atividades teóricas e práticas, com metodologias ativas e avaliamos o aprendizado com o método Soma, sendo captadas as respostas através do aplicativo Plickers⁹ (Figura 6), o qual compartilharei a minha experiência mais adiante.

⁸ Albuquerque (2000)

⁹ Disponível em: <https://www.plickers.com>



Figura 6 - Aplicativo Plickers durante a avaliação do aprendizado sobre fusariose

De 21 de novembro a 16 de dezembro de 2022 fomos em seis estados da região Norte, onde realizamos os nossos cursos de prevenção da raça 4 da fusariose (Figura 7).



Figura 7 - Locais em que ocorreram as capacitações para a prevenção da raça 4 tropical da fusariose

Destaco o apoio da parceria com a ENAGRO (Escola Nacional de Gestão Agropecuária), que disponibilizou o seu Ambiente Virtual de Aprendizagem para que os participantes tivessem acesso a todos materiais didáticos relacionados e também um certificado, uma vez que nela registramos a atividade.

Em Manaus, falamos sobre a fusariose para alunos da pós-graduação da Universidade Federal do Amazonas na qual fizemos uso do aplicativo Plickers para incrementar as interações. Basicamente imprimimos um conjunto similar a "QR Codes" os quais contém, uma identificação (também podendo ser anônimo) e 4 alternativas (a,b,c ou d) de acordo com a sua posição, frente as questões (contendo texto, áudio, vídeo ou imagens) que o mediador apresenta numa TV ou projetor na sala.

Os alunos mostram este código ao mediador, que usando a câmera de seu celular (com o aplicativo instalado) capta de maneira muito ágil e em tempo real todas as respostas, parte-se então para uma discussão conjunta sobre as respostas obtidas.

Podemos ter até 63 códigos (para públicos maiores, podemos fazer duplas, trios, etc) e algumas das suas vantagens são: i. apenas o mediador precisa ter acesso à internet para utilizá-lo, dispensando o uso de celulares e conexões pelos participantes, já que terão as folhas com os códigos impressos (estes, aliás, reutilizáveis) e ii. todos os resultados (sejam eles identificados ou anônimos ficam todos registrados numa planilha, podendo ser analisados posteriormente.

Por exemplo, este é um resultado do Plickers dos alunos de pós-graduação frente a pergunta: “Adquirir mudas sem a certificação do RENASEM é uma prática aceitável?” (Figura 8).

A maioria respondeu - corretamente - que não, e apenas três pessoas indicaram que era uma prática aceitável. Não basta dizer qual a alternativa é a correta, mas explorar as razões das demais não serem. Neste caso, se comprarem mudas sem RENASEM (Registro Nacional de Sementes e Mudas), há o risco de elas estarem doentes ou infectadas com bactérias, parasitas e também com fungos, dentre eles o da raça 4 tropical da fusariose. Outra pergunta que fizemos foi: “Você acha importante limpar os calçados e pneus dos veículos antes de entrar?”. Tivemos um percentual de respostas que indicavam como algo não importante, e neste instante o educador já tem que intervir, explicando a importância dessa prática no campo.

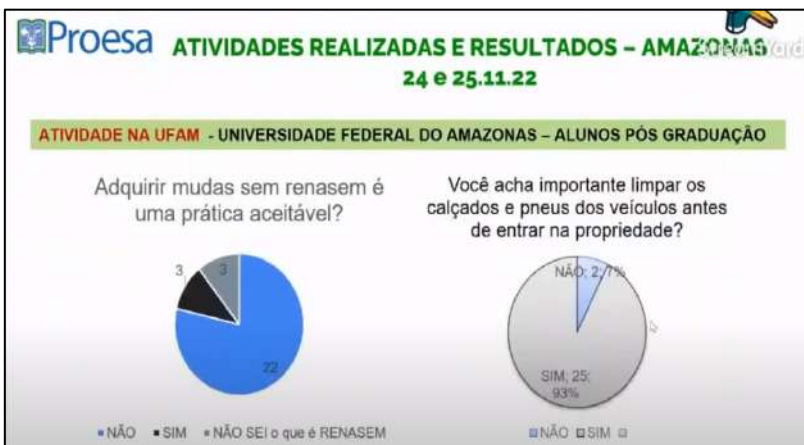


Figura 8 - Resultados da coleta de respostas obtidas durante a aplicação do aplicativo Plickers ao longo de um curso de capacitação para a prevenção da raça 4 tropical na Região Norte do Brasil

Depois, fizemos atividades educativas (inclusive práticas em campo) com os técnicos da extensão rural, da defesa sanitária e com os produtores (Figura 9).



Figura 9 - Atividades realizadas durante os cursos de capacitação na Região Norte do Brasil para a prevenção da raça 4 tropical da fusariose

O resultado do teste Soma indicou que os técnicos tiveram um aumento de conhecimento de 88%, partindo-se de um pré-teste em que o percentual de acerto nas questões havia sido de 48%, que é um indicativo de necessidade de capacitação (<50%) (Figura 10).

RESULTADOS AMAZONAS

UNIDADE FEDERATIVA	Nº TÉCNICOS CAPACITADOS	Nº PRODUTORES CAPACITADOS	GRUPOS DE WHATSAPP CRIADOS	Nº PARTICIPANTES NO GRUPO
AMAZONAS	18	14	01	97

Resultado geral de aprendizagem dos participantes – Avaliação SOMA

TÉCNICOS AM – ADAF e IDAM

- Média do pré-teste (%): **48%**
 - Média do pós- teste (%): **88%**
 - Média da eficiência de aprendizagem (%): **77%**
- Efic = (Pós- Pré) / (100- Pré) *100
- Média de aumento de conhecimentos (%): **83%**
- Aumento= (Pós /Pré *100) – 100

Figura 10 - Resultados encontrados na capacitação quanto ao tema da prevenção da raça 4 tropical da fusariose, no estado do Amazonas

Na cidade de Rio Preto da Eva (AM), foi realizada uma ação educativa com os produtores rurais. Os técnicos, tanto da extensão rural quanto da defesa, aplicaram o questionário educativo nos agricultores para avaliar os seus conhecimentos no tema. Logo depois, iniciamos a capacitação com uma metodologia de roda de conversa (Figura 11).



Figura 11 - Capacitação em Rio Preto da Eva (AM) para a prevenção da raça 4 tropical da fusariose.

Na roda de conversa o produtor (participante) é o centro da ação educativa, e, portanto, deve ter voz ativa. Visando um maior envolvimento e participação, sorteávamos alguns papezinhos contendo palavras que serviam como temas geradores de discussão, por exemplo: “mal do Panamá”, “boas práticas agrícolas”, “Renasem” e “PTV”. Assim, a pessoa ao ler o tema era convidada a compartilhar o que sabia a respeito e daí desencadeava uma troca entre todos, com a mediação do educador, que por sua vez instigava a participação dos demais com perguntas direcionadas àquele assunto (Figura 12).



Figura 12 - Capacitação em Rio preto da Eva (AM) para a prevenção da raça 4 tropical da fusariose

Nesse momento da capacitação nós já fizemos um diagnóstico participativo e identificamos os problemas da região, porque eles ficaram desinibidos devido a dinâmica e dialogaram conosco. Depois disso, realizamos outra interação utilizando o material do livro, imprimimos os seus cartazes, os distribuimos a cada grupo e discutimos o seu tema (Figura 13).



Figura 13 - Capacitação Rio Preto da Eva (AM) para a prevenção da raça 4 tropical da fusariose.

Dentro de cada grupo, havia técnicos para orientar os produtores. A ideia era ler o cartaz, discutir o conteúdo e depois o grupo apresentar o que eles conversaram. Neste momento, o agricultor que iria apresentar o resultado da conversa para o grupo se levantava e explicava a todos o que foi discutido. No momento da apresentação alguns ficaram tímidos, não queriam apresentar, mas através da criação de um ambiente acolhedor, de motivação, de horizontalidade, estimulávamos esta participação.

Na Figura 14 está o resultado das ações segundo o método Soma com este público: a média do pré-teste apresentou um acerto de 14% dos presentes e depois, no pós-teste, 72% dos agricultores acertaram as perguntas. Houve uma eficiência de aprendizagem de 67% e um aumento de conhecimentos de 406%.

RESULTADOS RIO PRETO DA EVA

Média idade agricultores: 48 anos

Média de estudo: 10 anos

Resultado geral de aprendizagem dos participantes – **AGRICULTORES**

- Média do pré-teste (%): **14%**
 - Média do pós- teste (%): **72%**
 - Média da eficiência de aprendizagem (%): **67%**
- $Efic = (Pós-Pré) / (100-Pré) * 100$
- Média de aumento de conhecimentos (%): **406%**
- $Aumento = (Pós / Pré * 100) - 100$

Figura 14 - Resultados da capacitação em Rio Preto da Eva (AM) para a prevenção da raça 4 tropical da fusariose

Posteriormente, fomos para o Acre e fizemos as atividades de capacitação com os técnicos nas cidades de Rio Branco e Acrelândia, utilizando os mesmos métodos e estratégias pedagógicas, inclusive quanto a aplicação do questionário educativo, pré e pós-capacitação (Figuras 15).



Figura 15 - Capacitação na cidade de Acrelândia (AC) para a prevenção da raça 4 tropical da fusariose

Na cidade de Acrelândia (AC), as atividades foram realizadas em uma associação de produtores de banana utilizando-se apenas os materiais didáticos do livro e a dinâmica dos papéis sorteados com os temas e as rodas de conversa (Figura 16).



Figura 16 - Capacitação em Acrelândia (AC) para a prevenção da raça 4 tropical da fusariose

Avaliamos a atividade através de duas perguntas em um quadro para que refletissem, a saber: “A partir de hoje, o que você vai fazer de diferente e o que você aprendeu?”. Eles participaram ativamente e escreveram as respostas em um Post-it® sobre o que aprenderam e o que iriam fazer de diferente, após a capacitação. Foi também uma oportunidade de recapitular e refletir sobre o que aprenderam, bem como fortalecer um aspecto atitudinal de comprometimento quanto ao aprimoramento das suas práticas agrícolas (Figura 17).

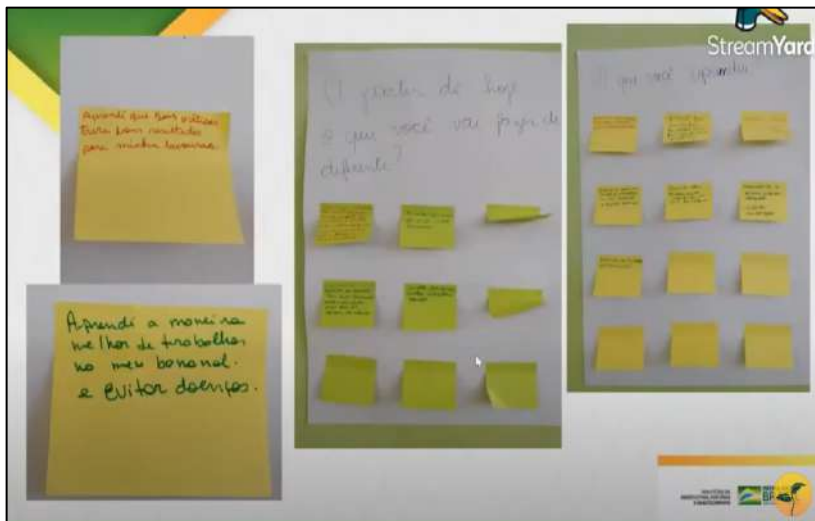


Figura 17 - Capacitação em Acrelândia (AC) para a prevenção da raça 4 tropical da fusariose

Em Acrelândia, os agricultores tinham em média de cinco anos de estudo formal e, portanto, um curso no formato de palestra expositiva não seria tão eficiente. Nessa capacitação ocorreu o aumento de conhecimento de 316%, quando aplicamos o método Soma (Figura 18).

RESULTADOS ACRELÂNDIA

Média idade agricultores: 49 anos

Média de estudo: 05 anos

Resultado geral de aprendizagem dos participantes – AGRICULTORES

- Média do pré-teste (%): 17%
 - Média do pós- teste (%): 70%
 - Média da eficiência de aprendizagem (%): 64%
- Efic = $(\text{Pós-Pré}) / (100 - \text{Pré}) * 100$
- Média de aumento de conhecimentos (%): 316%
- Aumento = $(\text{Pós} / \text{Pré} * 100) - 100$

Figura 18 - Resultados da capacitação na cidade de Acrelândia (AC) para a prevenção da raça 4 tropical da fusariose

Na Figura 19 são apresentados os resultados das ações educativas em todos os estados que visitamos nessa caravana. Em três semanas a campo ao todo foram capacitados 226 técnicos e 54 produtores, sendo criados, de forma voluntária, dois grupos de WhatsApp. Os grupos de WhatsApp continham 131 produtores rurais, os quais ainda permanecem ativos, através da mediação feita pelos técnicos-educadores. A nossa intenção é realizar futuramente uma outra avaliação quanto a efetividade dos trabalhos no grupo de WhatsApp.

Como eu disse, as ações de comunicação potencializam muito o impacto educativo. Em algumas ocasiões, os jornalistas nos acompanharam e conseqüentemente isso reverteu em 124 clippings que referiram a prevenção de uma doença que ainda não está presente no Brasil, ao longo de três semanas em seis estados

da Região Norte.



RESULTADOS

UNIDADE FEDERATIVA	Nº TÉCNICOS CAPACITADOS	Nº PRODUTORES CAPACITADOS	GRUPOS DE WHATSAPP CRIADOS	Nº PARTICIPANTES NO GRUPO
RORAIMA	29	0	0	0
RONDÔNIA	52	1	0	0
ACRE	54	35	01	34
AMAZONAS	18	14	01	97
AMAPÁ	20	0	0	0
PARÁ	53	4	0	0
TOTAL	226	54	02	131

Figura 19 - Resultados gerais da capacitação na região Norte para a prevenção da raça 4 tropical da fusariose

Durante as ações educativas, identificamos as características dos produtores, tanto do Amazonas quanto do Acre. Tinham em média 9.8 anos de estudo, 49 anos de idade, e produção de 3.232 pés de banana. A maioria participa das cooperativas e associações, possui TV e rádio, alguns tem computadores e 100% possuíam telefone celular (Figura 20).



Figura 20 - Caraterísticas dos públicos capacitados nos estados do Amazonas e Acre

Entretanto, 17% dos produtores rurais não tinham acesso à internet. Até nos surpreendeu que 65% tem acesso a internet na zona rural. Aliás, nos surpreendeu que para 43% deles, todos os membros da família usavam o telefone celular. A qualidade da recepção da internet em 30% era boa ou ruim e 26% era péssima. Portanto, entre 60% a recepção era boa ou regular e, dessa forma, foi possível a nossa comunicação pelo WhatsApp com esses produtores (Figura 21).

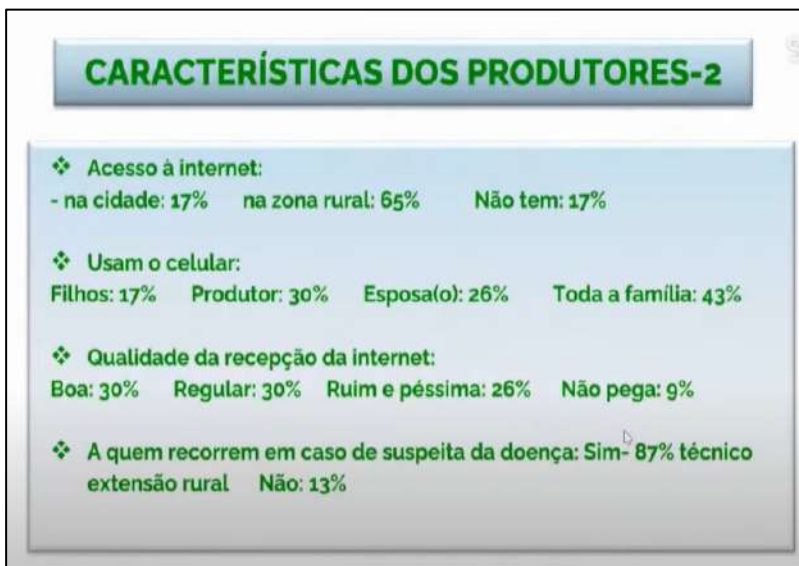


Figura 21 - Perfil do produtor rural e a quem eles recorrem no caso de ocorrência de praga em suas plantações

Outro ponto importante foi quando nós perguntamos a quem eles recorrem em caso de suspeita de uma doença ou praga. Eles responderam que era o extensionista rural (87%) e 13% relatam que não procuravam ninguém. Nesse sentido, consideramos muito importante o extensionista rural esteja alinhado com a defesa agropecuária, promovendo esta comunicação.

Na avaliação educativa dos produtores, encontrou-se, no pré-teste, 15% de acertos e no pós-teste 69%, resultando em eficiência de aprendizagem de 64%. De acordo com o Soma eficiência acima de 50% indica uma adequada aprendizagem, e aliado ao aumento de conhecimento da ordem de 360%, concluímos também que foi eficaz. (Figura 22).

Conforme vamos realizando as ações educativas, também aprimoramos a nossa prática pedagógica, daí a necessidade de

não só avaliar a aprendizagem, mas também o ensino oferecido, por exemplo, numa melhor formulação de questões propostas, dimensionamento de temas e tempo, infraestrutura, metodologias, entre outros aspectos.

RESULTADOS DE APRENDIZAGEM DOS PRODUTORES-AM e AC			
PRÉ-TESTE	PÓS-TESTE	EFICIENCIA APRENDIZAGEM	AUMENTO CONHECIMENTO
15 %	69 %	64%	360%

Figura 22 - Resultado de aprendizagem dos produtores rurais dos estados do Amazonas e Acre

Algo surpreendente foi a necessidade de capacitação dos técnicos tanto com relação ao tema, quanto às metodologias de ensino. Nós os auxiliamos através da organização de um grupo de WhatsApp com o produtor, pois enquanto ele ensina também vai aprender. Eu falo por experiência própria. Eu sou veterinária e hoje eu conheço muito a respeito da raça 4 tropical da fusariose, porque eu criei um grupo de WhatsApp com produtores de banana do Vale do Ribeira em São Paulo, em 2021. Nesse grupo havia mais de 200 produtores. À medida que ia disponibilizando o conteúdo, ia aprendendo também, porque o livro é estruturado para uma fácil compreensão dos temas. (Figuras 23 e 24).

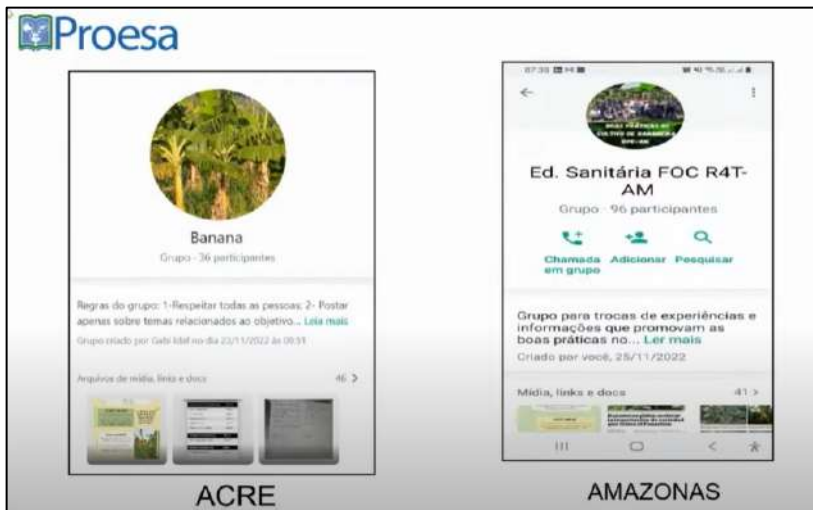


Figura 23 - Exemplos do uso do grupo de WhatsApp no Acre e no Amazonas para atividades de educação sanitária



Figura 24 - Exemplo de orientação técnica via grupo de WhatsApp

Compartilho algumas dicas para o moderador do grupo de WhatsApp. A primeira delas é estimular os produtores e técnicos a inserirem vídeos dos seus próprios trabalhos sobre a cultura da banana no grupo, além daqueles disponibilizados pelos "Diálogos". Isso é uma forma, também, deles participarem.

Outra sugestão é incluir enquetes ou materiais interativos nas postagens. O técnico apresenta um conteúdo e depois os produtores respondem as perguntas relativas ao conteúdo que ele passou. Por exemplo, a colega criou uma cruzadinha para eles responderem e isso teve muito boa receptividade (Figura 25).

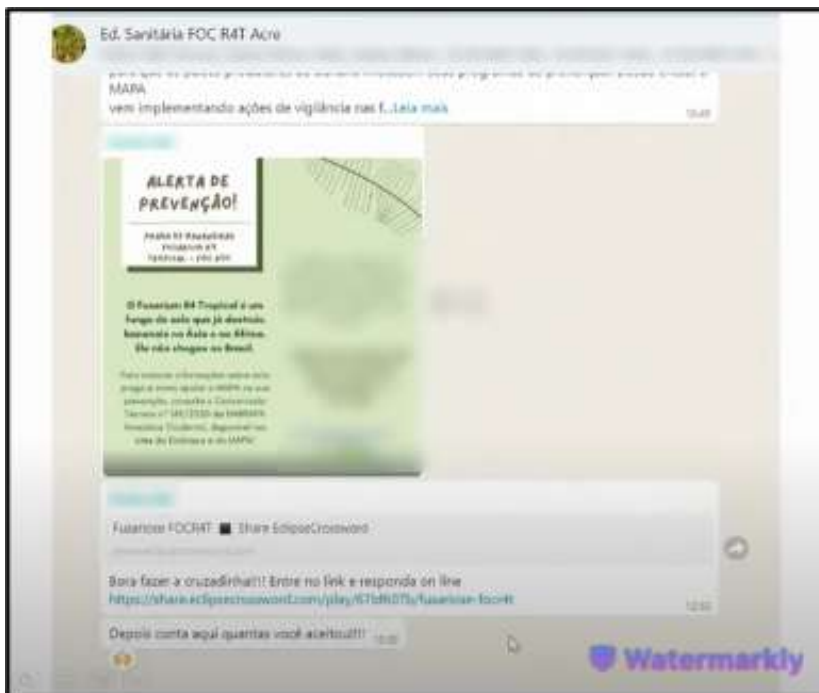


Figura 25 - Exemplo de orientação técnica e discussão via grupo de WhatsApp

Na cidade de Boa Vista no estado de Roraima, também usamos as mesmas metodologias de ensino-aprendizagem empregadas anteriormente, com as mesmas dinâmicas e atividades práticas (Figuras 26, 27 e 28).

Atividades realizadas:
Aplicação questionário pré e pós – SOMA
Palestra técnica
Prática – coleta amostra



Figura 26 - Atividades educativas realizadas na cidade de Boa Vista (RO) para a prevenção da raça 4 tropical da fusariose

Demonstração prática – coleta amostra para diagnóstico da raça 4 tropical da fusariose



Figura 27 - Prática no campo de coleta de amostra em bananeira na cidade de Boa Vista (RO) para a prevenção da raça 4 tropical da fusariose.



Figura 28 - Uso de metodologias ativas com os técnicos na cidade de Boa Vista (RO) para a prevenção da raça 4 tropical da fusariose

Na cidade de Boa Vista, no estado de Roraima, todos os dados coletados no pré-teste do método Soma demonstravam a necessidade de uma intervenção educativa, tanto com os técnicos quanto com os produtores. Devemos considerar, entretanto, que eficiência de aprendizagem e o aumento do conhecimento são dependentes do valor inicial de conhecimento sobre o tema ao início da ação educativa (Figura 29).

RESULTADOS DE APRENDIZAGEM CURSOS FUSARIOSE DA BANANEIRA PARA TÉCNICOS				
	RORAIMA	AMAZONAS	RONDÔNIA	ACRE
PRÉ-TESTE	44	48	41	32
PÓS-TESTE	78	88	80	88
EFICIÊNCIA DE APRENDIZAGEM	60	77	65	82
AUMENTO DE CONHECIMENTO	77	83	93	175

Figura 29 - Resultados de aprendizagem em Roraima, Amazonas, Rondônia e Acre

No Amapá, também realizamos a capacitação junto aos técnicos e produtores rurais. O ponto interessante é que ninguém conhecia o aplicativo Plickers e aproveitamos para capacitá-los quanto ao seu uso (Figura 30).



Figura 30 - Atividades educativas no Amapá.

No Pará, no momento da dinâmica em grupo, já avisamos que todos os membros do grupo deveriam apresentar o que tinham aprendido na ação pedagógica. Ao invés de ter uma pessoa para apresentar em nome do grupo, todos explicavam e assim a consolidação do conhecimento era maior. Usando o Plickers para a captação das respostas, por exemplo, os resultados foram de 90% de acertos pós palestra.

Algo que nos surpreendeu, foi quando perguntamos para os técnicos, inclusive com atuação em educação sanitária por vários anos, se conheciam a instrução normativa que instituiu o PROESA. Em teste, apenas 21% responderam certo sobre a Instrução Normativa MAPA nº 28 de 2008. Quando nós perguntamos quais as diretrizes do PROESA, que consistem em estabelecer mecanismos permanentes de articulação, a promoção da atualização e intercâmbio no tema da Educação Sanitária, já houve um acerto de 91%.

No PROESA, além das ações de educação, temos trabalhado fortemente na promoção de eventos híbridos, que é o presencial aliado ao remoto. Com isso abre-se a oportunidade

para quem não pode ir ao presencial e participar via online. Por exemplo, em Brasília nós fizemos, em novembro de 2022, a primeira oficina em Educação Sanitária¹⁰ com o intuito de avaliar o PROESA. O grupo que participou dessa oficina colaborou para desenvolver as novas estratégias pedagógicas do PROESA e até a alinhar o conceito de educação sanitária, no sentido de incorporar novos recursos e transformações que ocorreram ao longo destes últimos anos.

Durante a oficina, as palestras eram apresentadas simultaneamente de forma presencial e online; no momento da prática da discussão em grupo, foi criado um grupo os participantes online, com um moderador dedicado a ele. Os resultados deste encontro são vários, desde a harmonização do conceito da educação sanitária, a criação e importância de redes colaborativas, as diretrizes do PROESA, as linhas de atuação e quais seriam prioridades para o grupo nos próximos cinco anos. Também se discutiram os papéis, responsabilidades e como deveria ser a estrutura organizacional do serviço de educação sanitária.

A partir deste rico repertório de ideias, estamos trabalhando para colocá-los em prática. Como uma ação de modernização, criamos a página do PROESA no *site* do Ministério da Agricultura, o qual convido a visitarem¹¹ (Figura 31).

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rJ5OhLVMm6g>

¹¹ Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/defesa-agropecuaria/proesa>



Figura 31 - QR Code de acesso ao PROESA no site do Ministério da Agricultura

Através dele, vocês terão acesso às informações atualizadas sobre o programa, quem somos, a nossa missão, eventos, publicações e todos os membros da rede PROESA. Os membros da rede têm a oportunidade de participar dos grupos técnicos (Figura 32) e ajudar nos projetos que estamos desenvolvendo.

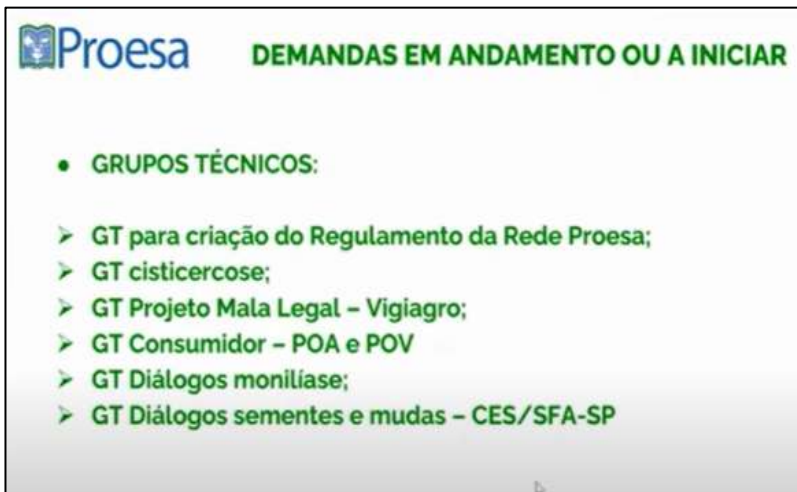


Figura 32 - Grupos de trabalho da rede PROESA

No futuro formaremos diferentes grupos técnicos para planejar e implementar projetos nas áreas de Prevenção da Cisticercose Bovina, "Mala Legal" que é junto aos colegas do VIGIAGRO, e ações voltadas ao consumo seguro de produtos de origem animal e vegetal. No momento estamos elaborando alguns livros da série Diálogos, como: Diálogos para a Prevenção da Monilíase do Cacaueiro e Diálogos para Sementes e Mudanças. O segundo livro também está sendo coordenado pela Comissão de Educação Sanitária de São Paulo. Eu encerro a apresentação convidando vocês a participarem do I Encontro de Educação Sanitária - Educar para a Prevenir¹² - que estamos organizando para ocorrer de 3 a 5 de maio de 2023, em formato presencial e online simultaneamente.

Gostaria também de fazer menção a rede Aurora administrada pelo Prof. Zuin e acho que podemos trabalhar ainda

¹² O evento foi realizado e pode ser assistido neste endereço <https://www.youtube.com/watch?v=DABzUiW8uPU>

mais juntos. Aliás o Prof. Zuin faz parte da Comissão de Educação Sanitária em São Paulo, a quem agradeço, pois ele é um dos grandes responsáveis pelo sucesso do PROESA e da Comissão de Educação Sanitária, trazendo muitas inovações positivas e ricas, as quais eu abracei e tento colocá-las em prática. Muito obrigada e fica aqui dois e-mails para contatos: seduc.dtec@agro.gov.br, e juliana.moreira@agro.gov.br.

Ezequiel Redin

Excelente! Eu fiquei pensando enquanto a Juliana falava no próprio conceito de extensão rural, que é um serviço de educação não formal. Eu, às vezes, fico me perguntando se é formal, também. Mas dá para ver pela fala da Juliana que é um contínuo processo de formação interminável.

Juliana Moreira

Eu gostaria de complementar um assunto. O PROESA nasceu na defesa agropecuária e faz parte da Secretaria de Defesa Agropecuária, tanto é que o nome dele é Programa Nacional de Educação Sanitária em Defesa Agropecuária. Portanto, não se restringe apenas a sanidade vegetal e animal, mas em toda área de defesa agropecuária. Nos trabalhos com o objetivo de saúde única e temos integrado com a saúde ambiental e humana. Nos eventos promovemos, já temos ou procuramos parcerias com diferentes áreas afins a Saúde Única, tais como o Ministério do Meio Ambiente, o Ibama, e a Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico. A missão do PROESA, é também a de promover a Saúde Única e trabalharmos em prol dela, mas lembrando que nós somos da defesa agropecuária e não podemos sair desse foco, mas não há fazer a defesa agropecuária sem integrar os outros setores. Por exemplo, no campo nós vemos o

problema sobre resíduos e isso demonstra que está tudo integrado. Por isso, temos que trabalhar junto com a educação ambiental, a educação em saúde, a educação agropecuária entre outras. Eu tenho chamado de educação agropecuária, e espero que no futuro tenhamos uma política nacional de Educação em Saúde Única. Nós vamos trabalhar para isso.

Luís Fernando Soares Zuin

Palestra muito boa da Juliana! Eu sempre aprendo muito com você! Trabalho maravilhoso de educação no campo. Eu tenho certeza que hoje a Juliana está no estado da arte na educação no campo, sobretudo pelo modo como você utiliza nas suas práticas educativas as tecnologias digitais de informação e comunicação em aplicativos de mensagem eletrônica e redes sociais, e também utilizando a comunicação digital em momentos presenciais. Eu não tenho dúvida nenhuma disso! Para nós que propomos novos caminhos metodológicos para a extensão rural, algumas pessoas relatam que a comunicação digital vai substituir o extensionista de forma presencial no campo. Para essas pessoas que possuem essa dúvida eu recomendaria assistir essa palestra da Juliana. Ela nos mostra o potencial da comunicação digital, apoiando momentos síncronos e assíncronos, em encontros presenciais e remotos com os produtores rurais. Pensando nisso, eu só queria fazer uma pergunta para a Juliana: O que será da educação sanitária junto com o pessoal que está no campo nos próximos 10 anos? O que os educadores irão utilizar nas suas ações pedagógicas junto as pessoas no campo?

Juliana Moreira

Eu só tenho a agradecer o Prof. Zuin e também agora ao Prof. Ezequiel. Eu aprendo muito com o Prof. Zuin, até a liderança participativa eu aprendo com ele e é muito boa essa troca. Bom,

eu imagino uma educação imersiva com a utilização das ferramentas da educação em encontros presenciais e remotos, não deixando nunca de fazer os encontros presenciais.

Vejo também a oportunidade do produtor rural se modernizar e inovar, tornando-se cada vez mais inserido no mundo online. Eu imagino também a gente desenvolvendo e ofertando plataformas de ensino integrando o presencial com o remoto, e o produtor participando ativamente nessas plataformas. Eu acho que o produtor tem muito a melhorar a qualidade de vida, e certamente os técnicos irão ajudar. Isso porque na agricultura familiar eles são muito carentes e nós sentimos isso quando vamos para o interior. No Norte e no Nordeste tem muita, muita carência na comunidade e nós temos um longo caminho para percorrer para mudar essa realidade. Eu acho que não podemos abandonar o presencial porque para chegarmos a quem mais precisa, nos ambientes mais remotos e difíceis, a gente também tem que usar o presencial, porque muitas vezes quando nós fazemos as ações educativas online, quem participa são somente os técnicos.

O nosso papel é capacitar os técnicos para que eles, ao conversarem com o pequeno produtor e levarem conhecimento, também mostrem para o seu público as possibilidades que esse novo mundo da internet pode proporcionar para melhorar a sua vida. Quando os produtores descobrem, eles ficam deslumbrados com o mundo virtual e também querem participar. É uma forma de integração, é uma forma de alfabetização também, vamos dizer. Vamos ver, não é? Daqui a 10 anos a área da educação no MAPA também terá evoluído!

Ezequiel Redin

Eu quero fazer um comentário em cima de sua fala, porque a Juliana me trouxe um *insight*. O aprendizado do técnico é constante, ele também irá aprender fazendo. A Juliana apresentou

um aplicativo (plickers) de fazer perguntas e respostas e em muitas vezes nós sabemos que ele existe, mas não sabemos como usá-lo na nossa prática educativa. Até na educação digital também tem essas questões, assim como a educação sanitária deve ser continuada. Penso em uma educação digital também continuada, atualmente essa é uma realidade na formação dos Extensionistas Rurais. Até mesmo porque hoje eu aprendi com a Juliana um aplicativo que eu não usava e eu sei que isso pode ser importante para as minhas estratégias de ensino-aprendizagem. Todos aprendem. Eu acho que esse medo de aprender também provoca certos desafios, e por vezes a gente tem medo do que é novo. O agricultor tem medo porque acha que é só punição e essa apresentação mostra que não é bem assim, e ele vai ver com outros olhos. São processos, não adianta, é um processo.

Juliana Moreira

Nós temos trabalhado para levar o conhecimento não apenas para o produtor rural, mas, também, para os consumidores na área urbana acerca dos produtos de origem animal e vegetal. Isso é importante para a educação, porque o consumidor da área urbana desconhece o que é saúde única e defesa agropecuária, por exemplo, ao não saber identificar se um produto, tem registro ou não. E muitas vezes, ele não tem a consciência de que comprar carne, por exemplo sem inspeção, ele está levando o risco muito grande para a saúde dos seus filhos, para toda a sua família. Somos nós que temos que levar esse conhecimento para o consumidor. Nesse sentido, estamos promovendo parcerias com a Fundação Nacional das Entidades dos Consumidores, para que possamos promover um diálogo com a Associação dos Representantes de Supermercados. Nós vamos iniciar um trabalho conjunto com o setor privado, com os representantes dos consumidores, o MAPA, o órgão estadual. Acrescento a importância da participação da Extensão Rural, já que o produtor

também é um consumidor e ele pode ter mais consciência do que um consumidor da área urbana, em diferentes aspectos. Mas ele enquanto consumidor às vezes não tem a consciência, por exemplo, de produto veterinário sem registro. Pode bater na porta dele um vendedor oferecendo um hormônio que é proibido e ele não sabe que é proibido, que é um produto ilegal, que não tem registro no MAPA. Às vezes é um produto que é contrabandeado, estando o seu rotulo somente em inglês ou espanhol e ele compra aquele produto. Assim, a agroindústria tem que se envolver, aproximando os técnicos da agroindústria e consumidores, para todos sejam nossos parceiros. E, nesse sentido, o SUASA tem promovido várias integrações com os consórcios públicos municipais e com os técnicos das prefeituras. É importante termos toda essa integração com os diversos atores, para levar a educação a esse setor, que está muito carente. É também um dos focos do PROESA. Mas é isso o que a gente está pensando dentro do PROESA e dentro do SEDUC, que é o setor de educação sanitária. Nós estamos nos articulando com o Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal (POA) e, entre outros, tais como os outros, tais como o DIPOV, que é o Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Vegetal, para a gente fortalecer cada vez mais essa área.

Ezequiel Redin

Nós já estamos terminando a Live e Juliana fique à vontade para fazer o fechamento da sua fala.

Juliana Moreira

Eu só tenho a agradecer e deixar a mensagem que a verdadeira educação começa quando nós a colocamos em prática. Eu espero que esse conteúdo aqui apresentado, possa, efetivamente, ser colocado em prática. Eu vislumbro, nos

próximos anos, os nossos colegas de todo o Brasil utilizando as metodologias ativas para fazer educação sanitária no campo. Eu quero ver muitas fotos mostrando o uso de rodas de conversa, dinâmicas, dramatizações, conversas, diálogos e, também, muitos grupos de WhatsApp com o produtor. Porque quando a gente pergunta quem tem grupo de WhatsApp e com muitos da extensão rural falam que tem, mas da defesa são poucos e eu quero que os técnicos da defesa também tenham grupo de WhatsApp com o produtor, isso também faz parte do processo de educação. A mensagem que eu deixo, é essa: coloquem em prática o que vocês aprenderam, saiam daqui já levando o conhecimento e já mudando um pouco a atitude. No começo, é difícil. É mais fácil você ir lá fazer uma palestra que já está pronta. Falar desses assuntos é mais difícil, mas você vai adquirindo prática e vai vendo que é muito mais gratificante você finalizar um encontro em que o produtor sai sorrindo, conversando com você, dando risada e colocando as suas opiniões, as suas experiências. A gente aprende muito com o produtor e isso não tem preço, é muito gratificante!

Ezequiel Redin

Muito obrigado, Juliana! Foi um show de conhecimento, a gente fica encantado com as ações que estão acontecendo pelo Brasil e pelo mundo. Só temos a agradecer por você compartilhar esse conhecimento e, assim, mais pessoas podem saber das ações do PROESA. Eu só tenho a agradecer e informar o pessoal que o nosso “Diálogos em Ater Digital: semeando propostas e compartilhando saberes” acontece a cada duas semanas, às 9 da manhã, às quartas-feiras. Acessem perfis das redes sociais da “Rede Aurora”¹³ e Portal “O Extensionista”¹⁴. E vamos já dar um indicativo, que nós estamos planejando uma outra série:

¹³ Disponível em <https://redeauroaal.blogspot.com>

¹⁴ Disponível em <https://oextensionista.com>

“Horizontes Ater, qual a nossa perspectiva para a extensão rural na América Latina”. Nós vamos fazer esse debate muito importante para ver o que vai acontecer, o que se planeja para os próximos 10 anos na extensão rural. Nós seguimos compartilhando conhecimento e aprendendo. Acima de tudo, a cada *live* nós aprendemos um pouco mais e vai formando a nossa base com novos conhecimentos. Obrigado e até uma próxima oportunidade!

Referências

ALBUQUERQUE, C. **Método SOMA: capacitação de agricultores, educação sanitária e ambiental**. 2. ed. Goiânia: Bandeirante, 2000.

BECK, C. **Malcolm Knowles: o pai da andragogia**. Andragogia Brasil. Disponível em: <https://andragogiabrasil.com.br/malcolm-knowles/>. Acessado em: 26 de março 2024.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Diálogos para Boas Práticas no Uso de Produtos Veterinário na Produção Animal**. São Paulo: CES-SFA/SP, 2021.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Diálogos para prevenção da Raça 4 Tropical da Fusariose em bananeiras**. São Paulo: CES-SFA/SP, 2021.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Diálogos para prevenção da Peste Suína Africana**. São Paulo: CES-SFA/SP, 2022.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Diálogos para a prevenção a Influenza Aviária**. Brasília: SEDUC/DTEC/SDA-MAPA, 2023.

LUDOS PRO. **Pirâmide de aprendizagem: William Glasser estava certo?** Disponível em:

<https://www.ludospro.com.br/blog/piramide-de-aprendizagem>.

Acessado em: 26 de março 2024.

MARQUES, S.C.M.; LANA, R. C. **Fundamentos da educação: recortes e discussões**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

MICHELET, J. **Pensador Jules Michelet**. Disponível em:

https://www.pensador.com/autor/jules_michelet/. Acessado em:

29.10.2022.

ZUIN, L.F.S. **Comunicação rural**. Campina Grande: EDUEPB, 2021.

ZUIN, L.F.S. et al. **ATER digital participativa: metodologia pedagógica e exemplos de aplicação**. Campina Grande: EDUEPB, 2022.

Capítulo 2

A tecnologia no campo frente ao multilinguismo europeu¹⁵

Roberta Mara Züge
Ezequiel Redin
Luís Fernando Soares Zuin

Ezequiel Redin

Olá a todos e todas: extensionistas rurais, agricultores e agricultoras, jovens, pesquisadores, professores, acadêmicos e demais públicos aqui presentes. Hoje, dia 22 de março de 2022, estamos de volta com o ciclo de palestras “Diálogos em Ater Digital, semeando propostas, compartilhando saberes”, em parceria com a “Rede Aurora, de Diálogos em Ater Digital”. Meu nome é Ezequiel Redin, professor de extensão rural e quem está aqui hoje conosco é o professor Luís Fernando Soares Zuin, da Universidade de São Paulo, coordenador da rede Aurora, e a médica veterinária Roberta Züge, como a nossa palestrante. A palestra do dia é intitulada “Tecnologia no campo frente ao multilinguismo europeu”. Roberta, seja muito bem-vinda! Essa *live* é uma parceria entre o portal “O Extensionista” e a “Rede Aurora, de Diálogos em Ater Digital na América Latina”. Bom, sejam todos bem-vindos. Vou passar a palavra para o Prof. Zuin para dar prosseguimento ao nosso encontro de hoje.

¹⁵ Palestra completa disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=6ayMzAAffA&list=PLEE7IS4DpOsfRpeTP3Jl0lKWPY13fPRCT&index=18&t=5s>

Luís Fernando Soares Zuin

Boa tarde, pessoal! Hoje nós vamos ter uma tarde muito interessante com a Roberta, em que irá explicar um cenário rural diferente do brasileiro que apresenta uma realidade composta por um multilinguismo no mesmo país. Alguns autores, como o Faraco, da Universidade Federal do Paraná, afirmam que hoje no Brasil se fala por volta de 180 línguas, sem contar os inúmeros dialetos. Você não se formou nessa universidade Roberta? Não formou nela? Então eu errei. Eu tenho certeza que vou adorar escutar a Roberta e a experiência, a vivência dela em Luxemburgo. Seja muito bem-vinda Roberta e já agradecemos a sua palestra!

Roberta Züge

Eu que agradeço o convite. Uma boa tarde para vocês aí no Brasil! Já estamos chegando no “boa noite” aqui em Luxemburgo. Zuin, eu sou Uspiana, eu estudei, inclusive aí onde você está (Pirassununga). Eu fiz veterinária na Universidade de São Paulo, me formei na turma de 1996. Morei em Pirassununga em 1994, que foi a melhor época que pode existir na vida de um estudante, morar em Pirassununga.

Depois que eu me formei, fiz mestrado e doutorado. Logo após o doutorado, eu passei num programa de captação de jovens doutores e fui morar no Paraná. Muita gente se confunde, porque, desde agosto de 2002, eu estava morando em Curitiba até que me mudei para Luxemburgo.

Durante esse período, eu trabalhei no Instituto de Tecnologia do Paraná - Tecpar, atuando principalmente com o desenvolvimento da produção agropecuária. Foram projetos que me deram muito prazer, porque, na verdade, tudo que eu fazia era extensão rural. Eu desenvolvia projetos em parceria com a Emater e, também, com a Secretaria de Agricultura do estado. Eu trabalhei

com propriedades rurais de todos os tamanhos, desde produtores de 40.000 litros/dia até assentamento rural, implementando as boas práticas de produção agropecuária. Essa é uma área que eu gosto muito de trabalhar no campo, diretamente com o produtor rural. E aí veio esse novo desafio, que foi um pedido da minha filha. Nós estivemos em Luxemburgo em janeiro de 2019 e visitamos algumas escolas. Ela falou que queria estudar aqui e pensei: “bom, por que não tentar morar no exterior?”. Eu já sabia que precisava validar o diploma, ter o reconhecimento, a equivalência, para depois pedir uma autorização para trabalhar na área. Eu e minha filha chegamos em Luxemburgo no final de 2020, em plena pandemia do novo coronavírus. Pegamos o toque de recolher, tudo fechado, eu tive muita dificuldade com a universidade para dar início ao processo de reconhecimento do meu diploma. Luxemburgo não faz este processo porque não tem faculdade de veterinária. Uma antítese: eu saí do Brasil, que é o país que tem mais faculdades de veterinária e venho parar em um que não tem nenhuma. O reconhecimento do diploma ocorre em um país membro da Comunidade Europeia e, depois, deve-se solicitar a autorização para exercer a profissão em Luxemburgo. Foi uma jornada, mas eu venci! Tem muita dificuldade por conta da carga horária, mas o diploma da USP foi reconhecido e eu ainda tinha o mestrado, então foi mais fácil. Conheço outros veterinários que não tiveram o diploma reconhecido, ou tiveram que fazer mais dois anos de faculdade, para complementar a carga horária e demais disciplinas. Alguns profissionais ainda estão na luta para ter o reconhecimento do seu diploma. Eu posso dizer que apesar de toda demora de ter chegado em Luxemburgo no meio do caos da pandemia - que até parecia coisa de filme - deu tudo certo.

Apesar de estar aqui há dois anos e pouco, mesmo durante a pandemia eu consegui conhecer algumas propriedades, enquanto estava no processo de equivalência do meu diploma. Ao mesmo tempo eu também trabalhava de forma remota para o

Brasil. Em 22 de dezembro de 2022, chegou a minha carteirinha, semelhante à do Conselho Regional de Medicina Veterinária. Em Luxemburgo se chama “colégio de veterinários”. Eu tenho um número e estou habilitada a exercer a medicina veterinária em todo o país. Mas, antes disso, eu já andava por aí, na área rural, não podia trabalhar como veterinária, mas já consegui acumular alguma vivência.

Hoje eu preparei uma apresentação, tem muitas fotos e vídeos, que mostram realidades que são diferentes do que conhecemos no Brasil. Por exemplo, temos a questão do multilinguismo, tem a questão de ser um pequeno país, tem um monte de coisas que são importantes e eu acho que a gente pode começar a passar não, Ezequiel?

Ezequiel Redin

Ótimo, vamos começar a apresentação!

Roberta Züge

O tema da minha palestra é a tecnologia no campo frente ao multilinguismo europeu. Eu vou falar mais da minha experiência aqui. Eu tenho algumas experiências nos países vizinhos, mas em Luxemburgo, eu posso dizer, que é um resumo de tudo que acontece nos outros países. Bom, muita gente nem sabe que Luxemburgo é um país. Tem gente que pensa que é da Alemanha ou alguma coisa assim. Mas Luxemburgo é um país pequeno, ele tem 1/3 da população de Curitiba (PR), 650.000 habitantes e quatro vezes o seu território, ou seja, este país é uma cidade do Brasil, só que ele tem várias particularidades, que vamos discutir hoje. Este minúsculo e fantástico país têm três idiomas oficiais, o luxemburguês, o francês e o alemão.

Este cenário comunicativo apresenta muitas dificuldades porque o país tem muitos imigrantes, têm outros idiomas que não

são oficiais, mas muito falados pela população. Quando você fala apenas dois idiomas, você não está habilitado profissionalmente para quase nada aqui. Você tem que falar três ou quatro idiomas porque é o padrão do país, é essa a exigência, afinal precisamos estar o tempo todo nos comunicando. Mesmo o veterinário, ele tem que se comunicar. Ele vai atender o animal, mas ele estará se comunicando com as pessoas e o idioma acaba, na maioria das vezes, sendo uma grande barreira.

O luxemburguês, que é uma língua oficial, pode-se dizer que é recente. Porque ela, como idioma oficial, tem uns 40 anos que foi reconhecida, antes era um dialeto. Hoje ela é considerada a língua nacional. Ela é falada bastante pela população? Sim, muito mesmo. O francês é o outro idioma, sendo mais falado nas áreas urbanas das cidades. Luxemburgo tem cerca de 50% da sua população de luxemburgueses e os outros 50% de estrangeiros.

Então, esses estrangeiros falam mais o francês e menos o alemão. Ou muitos deles falam o inglês. O francês acaba sendo o idioma mais usado cotidianamente. Luxemburgo está entre os países da comunidade europeia. O francês é a língua da legislação e o alemão também é uma língua oficial. Existe uma particularidade, porque na educação das crianças que começa aos três anos - eu acho que começa a ser obrigatório nessa idade, elas só brincam, não tem nada de ensino formal - praticamente só se fala luxemburguês na pré-escola.

O luxemburguês é, realmente, o idioma de integração nacional. Há pessoas de diferentes etnias, existem muitos refugiados tanto da guerra quanto de países do Oriente. Assim, todas as criancinhas, diferentes pessoas representando uma diversidade de culturas e idiomas, estão todos falando luxemburguês. Porque o país colocou o idioma como a forma de integração, então todas as crianças aprendem o luxemburguês. A partir do momento que eles vão para a alfabetização dos cinco para seis anos, uma idade em que eles vão aprender a escrever, eles são alfabetizados em alemão. Então, normalmente o

indivíduo luxemburguês "raiz" mesmo, aquele nascido no país sequer sabe escrever o luxemburguês.

Hoje as pessoas estão escrevendo mais o luxemburguês por conta da construção de uma rede social, do uso da internet, mas a língua luxemburguesa, o idioma escrito, a maior parte dos que são luxemburgueses criados aqui, da minha idade, não escrevem corretamente. Isso ocorre porque a gramática foi revisada, foi refeita, e essas pessoas se alfabetizaram em alemão. Então, muitas vezes elas cometem erros na parte escrita.

Os alunos, depois quando vão para o ensino médio, que também é outra particularidade de Luxemburgo, eles vão para o ensino médio com 11 para 12 anos e é um ensino médio de 7 anos. Ou seja, estudam até os 19 anos. No ensino médio é que se estuda francês e inglês. Isso ocorre de modo geral. Luxemburgo tem colégios internacionais públicos, e aí essa dinâmica, que eu estou descrevendo, é completamente diferente. O que descrevi é a base da educação das pessoas de 30 anos ou mais.

A dinâmica comentada é, muitas vezes excludente pois ao chegar no país com filhos adolescentes, quem entram num sistema, e se eles não dominarem o alemão, eles vão ter muita dificuldade para ascender para o ensino de melhor qualidade. Então, por conta disso, Luxemburgo investiu muito nas escolas internacionais, que é onde a minha filha está, porque ela chegou com 15 anos e não dominava nada do alemão. Essa é uma particularidade do multilinguismo, o aluno entra num pacote onde, de modo geral, a população, o jovem que começou a estudar cedo domina quatro idiomas. Lógico que eles terão mais afinidade com o alemão e talvez o inglês, os jovens gostam bastante do inglês, mas eles falam quatro idiomas. É muito comum você cruzar com pessoas que irão te perguntar qual idioma você prefere falar.

Eu já citei que Luxemburgo é um país de estrangeiros. A Europa toda tem uma dinâmica de muita mobilidade entre as pessoas, afinal há essa possibilidade de trabalhar em diferentes

países a partir do momento que você é europeu, que tem um passaporte europeu. Uma das coisas impactantes que eu vi aqui, que por um lado é positivo para nós brasileiros, é que a maior parte dos imigrantes é de Portugal. Por causa disso, há uma comunidade lusófona muito grande, o que facilita para os brasileiros. Dificilmente vamos ao supermercado ou a uma loja e não encontramos uma pessoa que fala português contigo.

Falando só português, está bom para passear em Luxemburgo? Está ótimo, sempre haverá um atendente, sempre há alguém no hotel que irá te entender. Eu lembro que eu estava aqui em 2018 e o meu cartão de crédito não estava passando e eu estava sozinha, parei em uma dessas lojas de conveniências, de posto de gasolina, e estava dando erro no cartão, já tinha dado erro no outro cartão. Nisto a atendente olhou e leu “Banco do Brasil” e ela falou assim: “Digita os quatro primeiros e não os seis dígitos como você faz no Brasil. E, claro que eu tentava os seis do Brasil! Ela falou: “não digite os seis dígitos, você vai digitar somente os quatro primeiros, Banco do Brasil é assim aqui”. Era uma portuguesa, quando ela viu o cartão, já sabia até o problema que tinha o Banco do Brasil.

Assim, é muito mais fácil você viver em Luxemburgo por conta dessa comunidade. Mas infelizmente, eles não estão no campo. Hoje, estima-se que sejam mais ou menos 120.000 lusófonos. Tem cabo-verdianos, moçambicanos e muitos brasileiros que, por conta da cidadania, estão, também, desembarcando aqui em Luxemburgo.

Há um fluxo de imigração, Luxemburgo é um país de imigrantes, eu sou fruto disso. Foi um país que entre 1840 a 1900, 1/3 da população saiu do país por falta de condições, de fome mesmo. Era um país que emigravam pessoas. Depois eles começaram a ganhar bastante dinheiro com a mineração, a ArcelorMittal, uma empresa que é conhecida no Brasil, é de origem luxemburguesa. Pelo advento da mineração, Luxemburgo passou a ser um país que atraía estrangeiros. A imigração se iniciou com

a vinda dos alemães, belgas e franceses. ao redor de 1900 começou a vinda de alemães, de belgas e de franceses.

Nessa época os luxemburgueses tinham dificuldade de trabalhar nas indústrias, eles eram eminentemente trabalhadores rurais. A mão de obra precisava ser importada. O “Bauer” (agricultor em luxemburguês) não sabia trabalhar nas minas. Em 1960, houve também uma grande leva de imigração de italianos que vieram em grande número e depois os portugueses chegaram e hoje há uma grande colônia de portugueses. Assim, um idioma muito falado é o português.

Outro ponto bem impactante e muito, muito diferente, é que você tem a presença de 50% de estrangeiros. São os moradores do país e há uma força de mão de obra chamada de fronteiriços. Lembra que eu falei que Luxemburgo tem quatro vezes o tamanho da cidade de Curitiba? Existem os vizinhos, a Bélgica, a França e a Alemanha com um custo de vida menor, assim, muitos moram na fronteira, mas trabalham em Luxemburgo.

É algo bem impactante, são 27% da força de trabalho de pessoas que não são habitantes do país. Outros 27% da mão-de-obra dos trabalhadores é residente luxemburguês, há os que são residentes, mas são estrangeiros, ou seja, a metade da mão de obra que trabalha em Luxemburgo é residente, mas é composta de estrangeiros. Dos 458 mil trabalhadores do Grão-Ducado de Luxemburgo, apenas 245 mil residem no país e pouco mais de 120 mil são luxemburgueses. Então, praticamente metade da mão-de-obra sequer vive no país. Por exemplo, toda a região da Valônia em Luxemburgo fala francês, por causa proximidade com a Bélgica ou da França. E os trabalhadores que são da Alemanha, da borda alemã, normalmente falam alemão.

A área da construção é dominada pelos portugueses. O serviço de construção e *nettoyage* (limpeza), os serviços de *horeca* (hotelaria, restaurantes e cafés-bares) são dominados pelos estrangeiros, por portugueses, principalmente. Há áreas que

o luxemburguês quase não atua, como a construção civil. Transporte e outros serviços estão muito com o trabalhador estrangeiro, tanto o que mora em Luxemburgo, quanto os que moram na fronteira.

O que é domínio dos luxemburgueses é o serviço público, que exige fluência nos três idiomas oficiais. Normalmente, eles exigem, no mínimo, os três idiomas oficiais. Muitas vagas de trabalho exigem, também, o inglês. Por outro lado, um cargo onde existem pouquíssimas pessoas habilitadas, eles dispensam dois dos três idiomas oficiais. Mas, o mais comum é darem preferência a quem fale e escreva pelo menos os três idiomas oficiais. Portanto, é por isso que o serviço público é onde os luxemburgueses acabam se concentrando. Claro que oferecem ótimos salários, porque é deles o país!

Outro ponto bastante complicado são os setores e os idiomas que você precisa dominar. No setor de saúde, 81% falam luxemburguês, 83% falam francês, 36% inglês, 55% alemão e 15% português. Vamos analisar o setor de *horeca* (hotelaria, restaurantes e cafés-bares), nele por exemplo, fala-se o francês, o português e o inglês, sendo o francês mais demandado. Mas, são os setores de hotéis, restaurantes e de construção em que o francês domina e o português está presente em grande escala.

Normalmente os portugueses, assim como eu, escolhem o francês, por ser uma língua latina, pois há mais facilidade no aprendizado. Mas existem pessoas de origem portuguesa que estão há 20/30 anos em Luxemburgo, mas como as comunidades são grandes, eles não falam outros idiomas, só falam o português. Como eles vivem entre eles acabam não precisando tanto dos demais idiomas. Claro que isso também impacta, negativamente, na diferença salarial. As profissões que exigem menos, em termos de idioma, os salários são mais baixos. Os setores mais exigentes, os salários, de modo geral, são mais altos. Existe a diferença salarial dos que são residentes e dos que são da fronteira. As médias salariais dos residentes no país são maiores. Isto também

é perceptível em relação aos que são luxemburgueses e aos que são estrangeiros, a diferença salarial chega a 19.000 EUR ao ano.

Mas vamos para o nosso setor, eu tentei contextualizar um pouco para entendermos. A área rural, para minha infelicidade, os idiomas demandados são o alemão e o luxemburguês. É assim porque ela é dominada pelos luxemburgueses, os donos da terra são os nativos, assim eles se comunicam com os idiomas que eles têm mais afinidade. O idioma doméstico deles é o luxemburguês. Há algo muito interessante, ao preencher formulários eles questionam qual é o idioma materno, ou seja, o idioma que se fala com a família. O país tem pesquisas demonstrando que o idioma falado na casa do luxemburguês, nascido aqui, é o luxemburguês. Como já comentado, eles são alfabetizados em alemão e poucos do campo falam o francês. Atualmente, os jovens falam mais o inglês do que o francês.

Assim, estes são os idiomas da produção rural luxemburguesa. Os sites estão em alemão, os portais do governo, de modo geral, estão em francês, exceto os do setor agropecuário, que possuem as informações em alemão. Lógico que o Google nos ajuda!

Do mesmo modo, existe um grande número de trabalhadores rurais estrangeiros. Os proprietários rurais são luxemburgueses, mas a grande parte dos trabalhadores são estrangeiros. Mas quem são estes estrangeiros? São os que tem mais afinidade com o idioma alemão, portanto são poloneses, romenos, lituanos, estonianos, etc.

Estes países entraram mais recentemente para a comunidade europeia e, de modo geral, pagam um salário mínimo bem abaixo do pago em Luxemburgo. Assim, muitos trabalhadores buscam novas oportunidades e chegam para trabalhar nas propriedades rurais, e também em outros setores da economia. Para esse público nas propriedades rurais há mais disponibilidade porque os portugueses e os italianos não conseguem acessar estas vagas pela dificuldade de comunicação,

principalmente, com os proprietários. Assim, ocorre essa dinâmica de separação de origens pelos idiomas, que se torna uma barreira. Ou seja, o idioma pode integrar, mas também pode ser uma grande barreira.

O país, além de possuir bons recursos e ter um perfil realmente rural, proporciona muitos serviços no setor agropecuário. Há algumas consultorias que são fornecidas gratuitamente pelo governo. Ressalta-se que tudo é bastante enxuto, pois deve existir um pouco mais de 1.000 propriedades leiteiras no país. As propriedades de suínos e de frango de corte são em número bem reduzido. Não há sequer abatedouro de frango no país. Existem abatedouros de suínos e bovinos, mas com pequena capacidade de abate. O país é muito pequeno, então há produção de frango, mas o abate é realizado na Bélgica. Abatem no exterior, mas isso significa uma distância de 60 km apenas.

As vezes temos dificuldade de entender estas questões de fronteira. Uma vez um produtor me disse: “eu trago feno lá da Alemanha”, eu pensei “meu Deus, o cara tem que trazer da Alemanha, não tem aqui”, mas ele rodava menos do que qualquer produtor no Brasil dirigia a procura de feno.

Então, são questões que precisamos contextualizar porque existem as particularidades, diferenças, principalmente em relação as dimensões. O país oferece assistência de muitas empresas de tecnologia, de gestão, que pode ser fornecida diretamente pelo Estado ao proprietário que tenha interesse. Luxemburgo também faz parte de algumas redes de operação de teste que são balizadas pela comunidade europeia. Há propriedades que são redes de fazendas nas quais são validadas tecnologias para depois realizar a sua difusão para outros locais.

Não somente em Luxemburgo existem organismos que são estruturados para atender toda essa dinâmica do meio rural. Por exemplo, o “European Milk Board” (EMB) é europeu. O site e as informações estão em diferentes idiomas: inglês, alemão ou

francês. Eles monitoram os custos de produção dos países do grupo, inclusive de Luxemburgo. Nele, há espaço e fomento para debates e questões políticas, apesar de diversas campanhas negativas em relação ao setor rural que sempre são lançadas por outros agentes. No entanto, existe todo um arcabouço de estruturação para o setor agropecuário.

Há peculiaridades para atingir o setor, começando pelos idiomas. Na França há necessidade do francês, na Alemanha do alemão, na Bélgica além do francês, há o Neerlandês. O estado precisa se comunicar com o cidadão. Em Luxemburgo, frequentemente, uma publicação, principalmente nas áreas de educação ou da saúde, está em cinco idiomas, luxemburguês, francês, alemão, inglês e português, por conta da representatividade da colônia lusófona. Isto tudo impacta também num maior custo.

Para o setor da agropecuária as publicações, normalmente, estão em luxemburguês e muita coisa em alemão, principalmente sites, documentos e relatórios são encaminhados em alemão para os produtores. Ou, ainda fazem em francês quando se procura atingir o consumidor. Recebemos em casa, do Ministério da Agricultura, livrinhos (material educativo) sobre as questões agropecuárias do país. Há questões técnicas que estão descritas, para falar de robotização, e algumas coisas que são para o consumidor, porque o que chega aqui na minha caixa de correio não é porque eu sou veterinária, pois chega para todo mundo, o material está em, pelo menos, dois idiomas. As vezes a gente não consegue ler tudo, porque não tem tradução e acabamos não acessando a informação. Mas quando há um foco, por exemplo, para o consumidor, o material - começando pelo título - está em francês, já que é idioma que a maior parte da população tem o domínio.

Numa revista, por exemplo, toda a parte técnica, a parte de produção, elaborada por robotização estava em alemão. Quando o foco é o setor agropecuária, quando o texto não está

em luxemburguês está em alemão. Inclusive porque o idioma nem sempre tem tradução e possui um vocabulário mais restrito. Com já foi comentado é uma língua relativamente nova em termos gramaticais. O idioma alemão, nesse momento, é muito mais rico em termos gramaticais e os produtores foram alfabetizados em alemão. Então, essa divulgação, da mesma revista, os artigos voltados para o produtor estão em alemão.

Luxemburgo tem diversas organizações do setor agrário: a Câmara de Agricultura, que possui diversas divulgações/publicações, cursos, treinamentos além de associações. O CONVIS é uma associação de criadores que também desenvolve serviços. Algumas coisas podem ser destacadas. Por exemplo, se o produtor vai a um banco pedir um financiamento para atividades com o gado de leite, ele não o conseguirá se as vacas não forem melhoradoras geneticamente e se ele não tiver controle leiteiro. O governo não investe caso avalie que estaria investindo de forma ruim. Então, se não é um gado melhorado e não há controle leiteiro, conseqüentemente não há recurso disponível para empréstimo bancário. O controle leiteiro é realizado por essa associação CONVIS, que também realiza outros serviços como dias de campo, treinamentos, concepção, disponibilização de manuais, etc.

A *Chambre de Agriculture* também é responsável por alguns serviços e pelos selos de procedência de Luxemburgo. Um outro ponto que é extremamente gritante em relação ao Brasil é que o jovem aqui é muito engajado na vida no campo e na produção agropecuária.

Os jovens do campo são organizados, eles possuem associações. Pelo menos duas eu já identifiquei. E, participam de eventos e festas do país, eles têm *stand*, eles fazem carnaval, eles fazem diversas ações. Em Luxemburgo existe toda uma cultura em relação ao meio rural, algo que vejo muito menos no Brasil. Existe um sentimento muito forte de orgulho de estar envolvido nas atividades rurais.

Essas associações estão sempre engajadas em ações. Também há festa na capital. E tem *stand* dos jovens que são da agricultura que vendem diversas coisas, até mesmo o tradicional pão com linguiça, ou qualquer outra coisa.

Os jovens estão envolvidos, trabalham e fazem as festas entre eles. Há esse engajamento porque o jovem, normalmente, quer ter contato com outros jovens. Óbvio, não é? A partir do momento que ele mora no campo e que não tem esse acesso a outros jovens acaba sendo desestimulado a ficar neste local. Nem sempre a evasão do campo é porque o serviço é pesado, as vezes é a falta de oportunidades de integração com outros jovens. Eles trabalham pesado, desde cedo, mas eles têm todo esse arcabouço no entorno que estimula e valoriza o trabalho no campo.

Aconteceu um movimento dos jovens rurais no dia 26/12/2020, eu assisti, por acaso, a primeira vez. Naquele ano, o primeiro da pandemia eles foram visitar as casas de repouso e os hospitais. Eles enfeitaram os tratores e foram passar na frente destas instituições. Há bastante casas de repouso aqui. Era uma forma de homenagear as pessoas que estavam trabalhando contra a pandemia. Imagine, naquela época ocorria toque de recolher as 21h! Eles fizeram esse passeio às 17h. Igual a esse, são cerca de sete circuitos no país todo. E nos outros anos eles continuam passando nos hospitais e nas casas de repouso. A população gostou da ideia. Quem não quer ver um trator enfeitado? Alguns tratores têm até música! Assim, existe todo esse agrupamento, esse coletivo de jovens agricultores, que é muito interessante e também os estimulam a gostar, a continuar no trabalho na área rural.

Não é raro encontrar jovens estacionando tratores na frente de *shoppings centers*. Em Luxemburgo com 14 anos idade já há permissão para dirigir trator. Então, o que que eles fazem? Eles podem dirigir trator, mas não automóvel. Assim eles saem para balada dirigindo trator, pois somente com 18 anos terão a

habilitação para dirigir carro. Na verdade, com 16 anos, há a possibilidade de uma habilitação, mas é para um carro pequenininho, tem um pouco mais de limitação de velocidade e é uma carteira especial etc.

Para ir para balada, eles vão de trator. Eles estavam no shopping porque lá tem Pizza Hut, Burger King, fast food em geral. Uns eu já observei indo para o Pizza Hut. Outro dia vi um homem que desceu de um trator e foi no caixa eletrônico do banco. Então são coisas que não estamos tão acostumados nas grandes cidades do Brasil.

Os filhos dos agricultores normalmente fazem um colégio técnico agrícola. São colégios com excelente estrutura, inclusive laboratorial. Os alunos vivenciam diversas atividades, também fora da escola, eles viajam muito. O jovem tem bastante possibilidade de viajar. Eles participam de feiras, exposições, dias de campo, várias ações com a escola e realmente eles têm uma formação bem sólida.

Os jovens, quando eles saem do colégio técnico, podem aplicar para cursos de nível superior na área do setor agropecuário, porque durante o ensino médio eles cursam disciplinas dirigidas ao curso que desejam estudar no ensino superior. Caso o aluno deseje cursar engenharia, ele precisa de uma carga horária avançada de matemática, por exemplo. Assim ocorre em outras disciplinas, como laboratório da área de exatas. O aluno tem que cursar o *Lycée Technique Agricole*, caso ele queira frequentar as faculdades do setor agropecuário. Mas isso vai ser feito fora de Luxemburgo, porque aqui não tem faculdades de medicina veterinária e nem de agronomia. Normalmente, esses alunos vão para a Alemanha, alguns para a França ou para a Bélgica. Eles têm muitas opções de integração: vão a feiras agropecuárias, fazem dias de campo, os colégios agrícolas têm *stand* nos eventos. Tem muita feira aqui, tem muita atividade e eles estão sempre presentes e participando.

Acho isto muito diferente comparado ao Brasil, aqui é

comum os colégios agrícolas estão inseridos em grandes investimentos agropecuários. É um público diferente do Brasil, em diversos destes colégios o aluno quando faz 18 anos é presenteado pela família com carros de valores altíssimos porque são os filhos de produtores rurais.

O que é muito forte também é o associativismo no setor agropecuário. Por exemplo, para a compra de insumos em conjunto, para a venda, a comercialização, etc. Existem muitas associações de produtores, com diferentes finalidades. O país é minúsculo e se eu não me engano, tem 40 e poucas associações só para criador de galinhas, de tipos diferentes de galinhas. Eu já fui em feiras dessas associações.

As associações são fortes e o país fomenta o associativismo. Assim, eles criam vínculos entre os associados, pois existem diversas atividades, as pessoas se envolvem por fazerem parte dessas organizações. Eu fui numa exposição aqui pertinho, em Beringen que é como um bairro de Mersch, cidade onde eu moro. Esta exposição foi em novembro, porque agora que houve notificação de gripe aviária está proibido qualquer exposição com agrupamento de aves.

Mas essa exposição foi em 20/11/2022, a exposição do *Cercle Avicole Internacional* de Mersch. Havia diversas raças de frangos, de diferentes cores, inclusive uma ave inteiramente preta. Eu pude interagir com os produtores, durante um almoço. Quem me convidou? Uma pessoa que nem é da área, é do grupo de dança folclórica que eu faço parte, e como eu sou veterinária, ela me levou neste evento. Na exposição também havia coelhos. E eventos como este têm bastante. Eles permitem a integração entre as pessoas dos territórios rurais.

Nós temos aqui uma vez por ano uma grande exposição agrícola no país, eu estive a primeira vez lá em 2021 (em 2020 ela foi cancelada, por causa da pandemia). Eu realmente fiquei muito feliz em ir na exposição, mas ela estava super restrita. Eu consegui porque eu fiz a inscrição numa palestra. Lá eu me senti diferente,

apesar de estar todos de máscara, estar assistindo uma apresentação, deixou-me muito contente de estar num evento que tinha aglomeração. Para mim foi um marco ir nessa exposição. Só que ela é muito pequena perto das exposições brasileiras. É um impacto, porque é como a exposição dessas cidades menores no Brasil, mas eles têm uma variedade grande de animais, também recebem visitantes, muitas crianças vão ao evento. Tem animais de diferentes raças, brincadeiras, eles realmente têm uma estrutura organizada, só que no padrão luxemburguês, tudo muito pequeno.

Há julgamento de raças, não tem julgamento da raça holandesa. O julgamento da raça holandesa normalmente é em novembro, mas fora da exposição. Porque a exposição é um período de altas temperaturas, eles não colocam as vacas para o julgamento por conta do estresse térmico. Na exposição tem julgamento de Limousin, outra raça que é bem frequente no país. Há *stands* diversos, máquinas, equipamentos e animais.

Nesta exposição até brinquedos com tema rural são comercializados. Eu comprei uns brinquedinhos da área agrícola, casinha de fazenda, tratorzinho, os bezerros de diferentes tipos, casinha de bezerro. O que se imaginar é possível comprar. Há esta atmosfera voltada para a valorização da vida no campo, que não há tanto no Brasil.

Outra particularidade, quando há palestra (mesmo a da exposição agropecuária) há tradução simultânea, os fones de ouvido são disponibilizados. Nestes encontros também há, pessoas de outros países. Usamos os fones porque cada apresentador falará num idioma diferente, ter tradução simultânea é meio que uma regra nos eventos. Ao participar de um evento do governo, normalmente há tradução para, pelo menos, o luxemburguês e o francês.

Nas exposições de animais, ocorre julgamento no mesmo padrão que existe no Brasil. Mas com as devidas proporções do país, não na mesma quantidade que temos no Brasil. Lembrando

que o país tem 1/3 da população de Curitiba. Há outros eventos bem importantes, por exemplo, os Portas Abertas. Claro que minha alma sanitaria quase enfartou de pensar que estavam todas as pessoas, sem controle, entrando na propriedade rural. No entanto, foi muito bom em relação a comunicação com o consumidor e a possibilidade de transferir esse valor da vida no campo, diretamente para o para quem compra os produtos.

Uma fazenda que eu visitei fazenda faz anualmente este evento “Portas Abertas”. Estavam também algumas entidades convidadas, a *Chambre de Agriculture*, empresas lácteas, etc. O galpão de máquinas estava com os *stands* e as pessoas passam o dia visitando. A fazenda tem ordenha robotizada, há a possibilidade de passear dentro dos galpões dos animais. Eu realmente ficava nervosa de ver aquele povo andando no meio do corredor de animais. Mas é assim que funciona, e tem um lado muito positivo, é quando eles fazem uma integração junto à sociedade e mostrarem como é produzido o leite e como é parte da sua vida no campo. Este ambiente rural é representado também em diversas festas tradicionais.

Eu fui na Festa da Batata em uma propriedade rural, onde você tem a opção de colher a batata no campo e levar depois para a casa. Num vídeo é possível ver a colheita de forma antiga com cavalos e outra com o trator. Pode-se comprar uma sacola e tudo que puder colher e couber na sacola pode ser levado. As crianças ganhavam uma sacolinha gratuitamente e elas adoram fazer a colheita. Havia a sacola que custava 10 EUR, que era imensa. Eu comprei a de 5 EUR, pois somos só eu e minha filha. A de 10 EUR seria batata para “uns dois anos” para nós duas! Foi muito prazeroso fazer a colheita das batatas. Nessa atividade no campo o consumidor é levado para área de produção, literalmente para a etapa de colheita. Há a possibilidade de envolvimento de quem compra com aquele que produz.

Lógico, existem muitas iniciativas de venda direta do produtor, como no caso de ferinhas agrícolas. Só lembrando que

nem sempre, principalmente no período de inverno, esses tipos de eventos não acontecem. Mas no período de verão, existem vários locais com feiras direto do produtor. Inclusive em pequenas *villages*, como em uma perto da minha casa. Nestas feiras os produtores comercializam seus produtos. Eu comprei essa bebida de mel. Têm coisas bem diferentes nelas.

E como sempre, tem barraquinha vendendo comidas prontas e até espumante. Aliás, aqui tudo tem espumante, tudo tem *Crémant*, o tipo de espumante produzido em Luxemburgo. Por exemplo, naquela fazenda do Portas Abertas que fui tinha *Crémant*. Eu fui tomar *Crémant* no meio das vacas! É algo bem comum mesmo.

Numa outra propriedade que eu visitei ela fica 100% do tempo aberta ao público, pode-se visitá-la a qualquer hora. E as pessoas entram e saem dali sem nenhuma autorização. A primeira vez que eu marquei para conversar com o proprietário, eu sentei num banco na frente de mercadinho que comercializa produtos orgânicos, que fica dentro da propriedade. Nela tem um pequeno estacionamento. Eu estava conversando com o produtor, logo um carro estacionou, saíram umas crianças correndo e foram para o galpão. Eu fiquei só olhando e falei: “Meu Deus do céu, não é possível isso!”. Eu fiquei nervosa de ver as pessoas entrar diretamente na propriedade. Nós estamos sempre preocupados com biossegurança. As pessoas visitam sempre, alguns fazem piquenique. O produtor convida as crianças para algumas atividades, por exemplo, pegar os ovos, que amam participar. Eles têm este mercado que vende diversos produtos deles. A propriedade é literalmente aberta público. Eles também produzem suínos, mas num sistema mais aberto, não é confinado. As vacas, lógico, elas vão para um galpão, eles têm que confinar os animais, pois alguns períodos do ano, devido ao frio e neve, eles não podem ficar nos pastos. Eles também criam outras espécies de animais como: cabritos, coelhos, porcos, etc. Nesse galpão maior é um pequeno laticínio para produção de queijos. A produção é

orgânica e eles têm outros locais com industrialização de lácteos, com isso eles comercializam vários tipos desses produtos.

Eles têm tratorzinhos para crianças, cada uma se serve de um, e vai brincar. Parte da propriedade é pensada exatamente para integrar e trazer o consumidor para dentro dela. Durante o período que ele coletava os ovos com as crianças era um clima de festa. Na propriedade tem outros ambientes, inclusive, para festas de aniversário. Pode-se alugar para fazer festa lá. O local fica em cima da parte de processamento dos alimentos. Há outras propriedades que desenvolvem atividades semelhantes. Eu visitei esta porque está a uns 2 km da minha casa, mas tem várias como essa, espalhadas, aonde as pessoas vão e compram no local que são produzidas. Eles têm vários produtos com produção própria, mas também vendem de outros lugares como frutas tropicais como a manga. O nome do produtor vem estampado na embalagem, o que também permite a criação de uma marca.

A maior indústria de leite de Luxemburgo é a *Luxlait*, ela é uma cooperativa. Nem todos os produtores do país fornecem para ela, vários produtores daqui, principalmente os muito grandes, eles já vendem para indústrias de fora de Luxemburgo. Mas essa é uma indústria que têm produtos de altíssima qualidade e, somado a isso, eles têm todo um ambiente voltado para a criança, para uma integração com o mundo da produção de leite. A empresa também tem programas específicos de capacitação, com visitas sistemáticas às propriedades rurais. Eles estão dentro das propriedades desses cooperados. Eles possuem ações voltadas para o consumidor, onde você pode entrar e brincar dentro na indústria. Não na parte da produção, não é? Eles têm uma parte tipo um *playground* que tem um viés voltado para o campo.

Luxemburgo tem todo um aparato de proteção em relação ao produtor, como no caso de incentivar o consumo dos produtos locais. Há o “sabor de Luxemburgo” que é uma campanha de sensibilização para que as pessoas utilizem mais os produtos locais que inclui (lógico!) a pegada ecológica de carbono. Essas

ações ocorrem porque os produtos *made in* Luxemburgo são geralmente mais caros, dos que veem de fora do país. Aliás, como tudo aqui, Luxemburgo é um país caro, tem o maior salário-mínimo da Europa, que está em torno de 2.300 EUR. Por exemplo, Portugal, o salário-mínimo é cerca de 800,00 (EUR) e claro que Luxemburgo acaba atraindo muitos imigrantes lusófonos. E é óbvio que as coisas acabam ficando mais caras. Tendo uma mão de obra mais cara, tudo será mais caro. Mas, há pessoas que fazem questão de consumir o produto que é local, porque isso faz girar a economia da região. Tem toda uma parte ambiental, também, e Luxemburgo faz questão de grandes campanhas em relação a este tema.

Existem programas de transferência de tecnologia que são realizados, principalmente, pelas associações, é impressionante como elas são realmente fortes. Elas possuem diversos incentivos, inclusive governamentais. Existem os sindicatos das categorias e também um dos produtores. Há alguns que são prestadores de serviços para as propriedades. Em Luxemburgo, há prevalência de pequenas propriedades, a média são em torno de 100 vacas em lactação, normalmente a mão de obra é familiar, é a mulher, o marido e os filhos. Aqui muitos já estão com ordenha robotizada.

Assim, não é viável manter todos os equipamentos, tratores para fazer plantio, colheita, silagem, etc. Essas associações ou alguns sindicatos que trabalham diretamente com essa venda de serviço por hora. Existem os que prestam serviços para os que não possuem todos os equipamentos, há uma otimização dos equipamentos agrícolas. Eu conheço um produtor, ele tem uma grande propriedade, ele tem diversos equipamentos e metade do tempo dele, ele trabalha para outros produtores, fazendo plantio e colheita em outras propriedades, mesmo no período noturno. Não são apenas os funcionários que fazem as atividades, inclusive pelo custo da mão de obra, pois o salário-mínimo é de 2.300 EUR mensais. Assim, muitos produtores

também fazem a rotina de ordenha, ficam 100% do tempo trabalhando. Alguns, como este produtor, também vendem serviços a outros produtores, pois possuem diversos equipamentos.

Existe este suporte do governo, tanto o estado, o país em si, como os municípios que ofertam atividades voltadas diretamente para os produtores. Que idiomas eles falam? Vai depender de quem está ali, na propriedade, mas normalmente será o luxemburguês, talvez o alemão, para poder transferir esse conhecimento, esses debates, diretamente aos produtores.

Eu estou aprendendo ainda o luxemburguês, às vezes eu fico olhando, penso: “Meu Deus, o que que eu estou fazendo aqui?”. Porque eu estou pescando uma palavra aqui, outra lá, mas eu não consigo entender tudo, mas eu vou. Porque eu tenho que ir, eu quero me integrar e participar, mas o idioma, realmente, tem sido uma barreira.

Quanto a melhorar a competitividade dos produtos feitos aqui, não só da agropecuária, existe todo o desafio de diminuir o custo de produção, pois há uma competição muito forte com produtos que estão vindo de fora, como da China com valor muito mais baixo. E esses produtores, de certa forma, querem preservar o mercado consumidor deles. Lógico que Luxemburgo não produz um monte de coisas! Consome, importa grande parte, mas, por exemplo, leite, lácteos, produtos de carnes, eles fazem questão de produzir; como também, os *Crémant*, os vinhos. A fruticultura não é muito forte, mas eles fazem questão de valorizar o produto local, o produto luxemburguês, para girar também a economia, e eles são os donos da Terra, né? São os donos do negócio.

Essa foi a minha apresentação. Eu queria falar obrigada, *Villmoos merci*, *Merci* e *Danke*, por me ouvir, por poder compartilhar com vocês um pouquinho da minha experiência, da minha vivência aqui em Luxemburgo.

Ezequiel Redin

Excelente apresentação Roberta, aprendi como se tivesse ido pra Europa. Eu gostaria de saber que outra experiência que te marcou numa saída a campo com agricultores? Uma que você achou diferente além das que você já falou ou você poderia contar alguma que marcou o teu trabalho como médica veterinária, extensionista, na região que você está?

Roberta Züge

O que mais me impacta aqui é ver produtores dirigindo um carro Mercedes que deve custar 200.000 EUR e são eles que trabalham na ordenha, trabalham a noite toda no trator. Um produtor que possui 500 vacas em lactação. No Brasil, geralmente, não é ele que está e, cima do trator, não é ele está tirando leite. Eles são da lida, eles estão na rotina mesmo. Isso realmente é o que mais me chamou atenção, porque, normalmente, não se vê no Brasil um grande produtor na rotina produtiva.

Aqui, por outro lado, produtor executa a rotina madrugada adentro, assim eles otimizam o tempo. Devido a neve, há um período do ano que não se pode plantar. No Brasil se utiliza o solo durante o ano todo. Na época que é de plantio ou época de colheita esses produtores, praticamente, não dormem, ou dormem de duas a três horas por noite. Quem faz isso é o proprietário mesmo, não é um funcionário dele.

Mas, também com uma mão de obra onde o salário é de 2300 EUR! Talvez o tratorista até ganhe mais. O produtor tenta fazer todo o trabalho possível, pois assim este custo ele não terá. Alguns devem trabalhar por três funcionários, eles procuram realizar o máximo possível da rotina. Não tem sábado, feriado ou dia santo. Isso para mim foi o mais impactante de diferença no Brasil, é a mão de obra dos ricos trabalhando na lida!

Ezequiel Redin

Olha que interessantíssimo! Eu vou te pedir outro exemplo. Já viu que eu gosto muito de exemplo? Eu gostaria de um exemplo sobre robotização?

Roberta Züge

A robotização aqui é o padrão. Normalmente as propriedades têm em torno de 2 robôs estacionários, 100 vacas e o trabalho da família. Eles terceirizam serviços para trator, como colheita, plantio, silagem etc. Como é muito cara a mão-de-obra quanto mais se utilizar a tecnologia de modo a mitigar o uso de mão de obra, mais é incentivado. E por outro lado, tem a dificuldade de mão de obra. Por isso que tem essa grande demanda de mão de obra estrangeira. Analisando os trabalhadores fronteiriços e os estrangeiros, o luxemburguês é o que menos trabalha. Somente 27% dos que estão trabalhando são luxemburgueses. O restante é mão-de-obra de fora ou estrangeira.

Assim, quanto menor se depender dessa mão-de-obra para eles é melhor e trabalham nesse sentido. Não dá para substituir 100%, óbvio que não! Mas, eles vão trabalhar para terem o mínimo possível de dependência de mão-de-obra. Acredito que isso esteja acontecendo em vários setores, não é só no setor da agropecuária.

Somado a isto, existe a necessidade de mão de obra mais especializada, devido a robotização. Dessa forma, acabe-se exigindo mais formações, mais cursos, mais conhecimento, mais cognição do indivíduo para trabalhar com esses equipamentos. Assim, aqueles que não estão se especializando acabam ficando mais excluídos ainda.

Ezequiel Redin

Muito legal e já surgiram algumas dúvidas! Uma delas é: como é aceito o trabalho de veterinária nas fazendas e no setor de pets?”

Roberta Züge

Há uma carência de veterinários. Se eu falasse alemão, estaria trabalhando, acho que mesmo sem ter a equivalência do meu diploma. Tem uma carência de profissionais aqui, mas há algumas dificuldades para trabalhar, porque não é só a questão de equivalência de diploma para você morar em Luxemburgo, por exemplo, você tem que ter um passaporte europeu. Para uma pessoa com nacionalidade italiana exercer a veterinária ela precisa estar registrada no município.

Uma pessoa que consegue a equivalência de diploma de veterinária em um país membro, para pedir a autorização de trabalho ela precisa ser moradora do país. Para ser moradora, vai precisar de um contrato de trabalho (caso não seja luxemburguês) ou estar como agregado familiar. Assim, não é tão fácil pedir a autorização de trabalho não sendo cidadão

Para ser residente aqui, Luxemburgo exige um contrato de trabalho, e se não tem contrato de trabalho não consegue ser veterinário sem a autorização de exercer. Teria que trabalhar em outra atividade.

O que acontece as vezes é o cônjuge que vem a trabalho e tem a solicitação de moradia e procura legalizar o parceiro. Assim, a pessoa pode morar oficialmente e pedir essa carta de *Séjour* para depois de 3, 4, 5 meses ser emitida a autorização de trabalho como veterinário. Nada é rápido.

Há essa dificuldade, senão, seria possível. Aqui, veterinário de campo está em falta. Eu leio matérias com frequência (normalmente em francês) e há carência de

profissionais. Mas eles “tiram o couro” aqui, pois exigem disponibilidade de 100% do tempo. Muitos veterinários abandonam o serviço de campo.

Em relação a *pet*, há a mesma questão para autorização de trabalho, a facilidade é que a pessoa falando, por exemplo, inglês e francês, trabalha-se muito bem. Há a exigência de pelo menos um dos idiomas oficiais. Caso não tenha fluência em um dos três idiomas não há emissão de autorização de trabalho. Isto em todas as áreas médicas. A veterinária se enquadra na área médica, você não consegue autorização sem ter um nível, pelo menos B2, que é um nível avançado de francês.

Assim, com domínio do francês e do inglês, você é facilmente empregado em uma clínica. Soma-se o português, que tem uma grande comunidade lusófona no país. Entretanto, cerca de 70% da população fala francês. Para trabalhar com *pet*, as questões de idiomas são menos impactantes para nós lusófonos. Eu conheci uma veterinária que veio da França, só falava francês, ela trabalhava só como intensivista. Ela não entrava para atendimento. Por quê? Porque ela tinha possibilidade de atender menos pessoas no hospital veterinário. Dos veterinários, ela era só intensivista, afinal, com os animais ela poderia falar o idioma que ela quisesse.

Eu tenho um bom domínio do francês, mas para nossa área eu teria que dominar o luxemburguês. Estou estudando, preciso aprender, para trabalhar na área, mas eu sei que a hora que tiver o domínio do com luxemburguês, vão me exigir o alemão!

A vantagem é que são áreas bastante valorizadas. Com isto, eu tenho perspectiva de que as coisas melhorem nesse sentido. O maior desafio foi conseguir a autorização de atuar como veterinária. Agora estou no desafio de conseguir o meu contrato como veterinária. E não só uns pequenos trabalhos, mas de trabalhar diretamente, eu sei que tenho muito para contribuir. O idioma é uma barreira, mas a experiência que a gente traz do Brasil, o que já passou de vaca na minha frente é muito mais do

que tem aqui.

Ezequiel Redin

Estão fazendo outras perguntas, como essa: os softwares de apoio à área da agricultura que não estão em luxemburguês sofrem algum tipo de preconceito no que se refere ao uso e a confiabilidade?”

Roberta Züge

O que acontece é o seguinte, na verdade, não há ferramentas em luxemburguês por que quantas pessoas no mundo falam luxemburguês? São 300.000 pessoas, no máximo. É, eles usam os programas em alemão. E eles são alfabetizados em alemão, isso não é problema, eles usam normalmente o alemão. Com isto, a maior parte desses trabalhadores acaba indo para o campo vindos de certos países porque tem mais afinidade com a língua alemã, geralmente são trabalhadores poloneses, da Letônia, etc. Porque é mais fácil para eles aprender o alemão e os programas, os equipamentos estão em alemão.

Eles têm que se entender. O proprietário tem que falar um pouco de cada idioma. O dono da propriedade tem que conseguir falar com todos os funcionários, mas isso acontece com muita frequência, de existir um funcionário e um tem que explicar e passar as informações para o outro. É um desafio, mas os softwares são todos em alemão.

Por isso que eles têm muito dessas capacitações e treinamentos. Eles se reúnem, mesmo nas vilas, há reuniões, dias de campo, etc. Há a vantagem da escolaridade deles, normalmente eles têm ensino médio em escolas muito boas. Luxemburgo investiu muito em educação, assim se torna mais fácil ter uma comunicação quando ele tem um nível de educação formal mais alto, tudo facilita. Essa é uma grande diferença com o Brasil.

Luís Fernando Soares Zuin

Eu gostei muito da palestra. Nós aprendemos muito. E uma coisa que eu achei interessante foi o que a Roberta falou agora, a fazenda é uma Torre de Babel linguística? Um lugar onde você tem várias pessoas falando vários idiomas.

Eu fiquei pensando, como são realizadas as capacitações na propriedade? A Roberta na sua palestra falou um pouco de como elas são. Entretanto, eu fico pensando como é o desdobramento dessa capacitação na rotina de trabalho dessa fazenda? A Roberta já deu indicativo de como elas são “o produtor tem que dar seus pulos para ensinar e conversar com essas pessoas”. Mas, eu fico pensando que algumas formas de capacitação que ocorrem no Brasil, como os “dias de campo”. como elas seriam em Luxemburgo? Por causa dessa Torre de Babel. Qual língua eles irão falar?

Roberta Züge

Normalmente eles falam ou em luxemburguês ou em alemão.

Luís Fernando Soares Zuin

Mas neste caso vai só o proprietário na capacitação? Não vai funcionário?

Roberta Züge

Os proprietários eles selecionam principalmente os que dominam alemão ou luxemburguês. Os poloneses logo aprendem a falar alemão porque é mais próximo do idioma deles.

Luís Fernando Soares Zuin

O funcionário que fala alemão ele recebe essa capacitação junto com o proprietário?

Roberta Züge

Para muitas atividades de campo, como a associação CONVIS, eles demandam profissionais que falem alemão e luxemburguês. Eu estive com um diretor da associação, ele me disse: O seu “currículo vitae” é ótimo, mas você tinha que falar alemão”. Na verdade, é uma barreira mesmo, não há como negar. O profissional precisa conseguir se comunicar com todos os produtores.

Quando têm eventos, mesmo evento que não é muito grande, tem tradução simultânea. Eles são bem legais porque não tem ninguém distribuindo equipamento, ninguém pede teu RG, você vai lá, pega um equipamento, depois é só devolver. Até mesmo em feira agropecuária há opção de tradução simultânea.

É o serviço que está disponível facilmente. No Brasil é muito caro. Aqui ele nem deve ser tão caro, porque ele é bastante disponível, tem muita gente para fazer esse trabalho. Um dia de campo com tradução simultânea. Chique, não é?

Luís Fernando Soares Zuin

Outra questão que eu tenho é a respeito da robotização da produção rural, que o Prof. Ezequiel destacou. Eu fiquei pensando, nessas empresas multinacionais que talvez não sejam de Luxemburgo, mas de uma certa forma, você já falou que vem tudo da Alemanha. E para dar essa assistência técnica mais sofisticada? No caso para esses produtores rurais. Como ela ocorre?

Roberta Züge

Há também serviços fornecidos pela Bélgica. Eu lembro uma vaga, solicitava domínio de quatro idiomas, Dutch (holandês), francês, alemão e inglês. Outros idiomas são uma vantagem, só isso os caras queriam, né? Então o Dutch, o alemão porque atendia a Bélgica, atendia Luxemburgo e precisava do inglês, e tinha que falar francês também, porque grande parte da Bélgica, que empresa atendia, era a parte que fala francês, que é divisa aqui com Luxemburgo.

Ezequiel Redin

Temos aqui mais uma pergunta: como o Ministério da Agricultura daí se comunica com os produtores rurais? O governo participa dessas ações realizadas pelo setor produtivo?

Roberta Züge

Sim, eles estão presentes. Por exemplo, aquele evento que teve o dia de campo Portas Abertas, da fazenda que eu fui, tinha *stand* do Ministério da Agricultura. Eles participam de grande parte das publicações. Eu acho que até comentei, está tudo em alemão, as comunicações técnicas e o próprio *site*, praticamente todos os *sites* do governo estão em francês. Somente as questões de agricultura estão em alemão. Entrando no *site* já encontra tudo em alemão, várias publicações, algumas vezes eu consigo baixar em francês, mas a maior parte das publicações está disponível só em alemão, as publicações técnicas, os comunicados, etc. Os comunicados são todos enviados em alemão para os produtores.

Ezequiel Redin

Interessante aquela história dos tratores, eu fiquei

interessado nisso, porque lá na região Arroio do Tigre, estado do Rio Grande do Sul, predomina a agricultura familiar. Numa época todos as famílias estavam comprando trator. Aí como eu já tinha um estava mais focado no solo. Não usava muito o trator e eu ia na missa com ele. Era o máximo. Mas eles vão para o *shopping* de trator, são agricultores diferenciados. E eu fiquei pensando, o poder social que está por trás do trator, porque ele também mostra um certo prestígio. Eu sou bom produtor.

Roberta Züge

É, essa passeata do final do ano eles querem levar o trator bonito da propriedade, enfeitar e desfilar. Tem toda uma organização e preparação. Em Mersch, a minha cidade, começa um dos circuitos. Eu acompanhei as preparações nas fotos postadas nas redes sociais, aquele mar de tratores cheios de luzinhas acesas porque essa época é Natal, e estava anoitecendo cedo, as 5 horas já é noite. Há todo um entrosamento, você cria aquele orgulho em relação a atividade. Isso é muito importante. Para fixar esse jovem no campo, você também precisa que ele tenha orgulho do que ele está fazendo. Essa integração, eles fazem muito bem aqui.

Ezequiel Redin

Interessante e é uma boa perspectiva mesmo. Eu fiquei curioso, as propriedades rurais estão perto da cidade, os agricultores que se locomovem de trator até ela? Logicamente, eles não andam muito.

Roberta Züge

Ezequiel, aqui da minha janela, vejo as vacas e eu moro em uma cidade que não é considerada pequena. Estou próxima a

centros comerciais e da capital. Eu recorro de uma pessoa que me mandou uma foto e escreveu: “Roberta, olha isso, estava passando um caminhão com rolão de feno em frente à igreja principal, a avenida principal da capital.” Ou seja, o produtor cruzou no meio de Luxemburgo com um rolão de feno.

Ele filmou e me enviou “eu lembrei de você”. Luxemburgo é incrível! Imagine, é como se estivesse atravessando a Avenida Paulista com rolões de feno. Na frente do meu apartamento passa sempre trator, eu moro em na avenida principal e de uma cidade que não é pequena.

Lógico, perto das cidades que a gente tem no Brasil, tudo é pequeno, mas é tudo muito próximo. Em cidades menores são assim, um dia estava olhando e me perguntei: “O que que é isso?”, olhei e estava perto da igreja, do banco e de um curral. As cidades foram crescendo e foram se aproximando das áreas rurais. Alguns produtores rurais se mantêm no mesmo local, eles preservam muito as edificações. Tem lugar que é possível identificar uma casa era um galpão que foi transformado, mas o arcabouço do galpão continua lá. Alteram internamente para se transformar em moradia.

Em outras cidades é possível ir passando e ver os silos horizontais. Visitei uma comunidade bem próxima da minha casa, é o que eles chamam de village e ela tem um castelo. Sai para caminhar próximo e havia uma propriedade rural. Minha alma sanitarista ficou em surto pois os bezerros ficavam muito próximo, praticamente na calçada. Qualquer um poderia se aproximar deles.

As escolas fazem muitas visitas em propriedades rurais. Eu vi fotos na revista da cidade em que as crianças visitaram uma propriedade de apicultura. Estavam todos vestidinhos, foram tirar mel, há uma aproximação bem interessante com o consumidor. Eles valorizam também o produto, quando se conhece a origem a gente pode valorizar mais.

Luís Fernando Soares Zuin

Mas você percebe que não é só um ato de colher batata que a Roberta falou. Tinha, também um resgate histórico de como colhiam a batata. Quando a pessoa vai visitar essa propriedade ela não só colhe a batata. Ela também é apresentada de como colhiam a batata décadas atrás. Neste caso, por meio dessa vivência cria-se uma identidade cultural com a vida no campo

Roberta Züge

Claro, e ainda tem os cavalos, eles colocam uns cavalos bonitos, arando, depois tiram e colocam o trator. Assim se pode ter a ideia de que a batata está lá na terra. E tinha gente de vários locais, essa propriedade da colheita de batatas é em uma cidade mais ao norte, uns 35 a 40 km de onde eu moro. Vai muita gente da capital porque é uma festa tradicional, bem conhecida. Neste dia lá fui eu colher batata.

Eu vou em tudo. Eu, quando descubro algo, vou lá! Aproveito para aprender e fazer contatos. Neste evento das batatas estava o pessoal de um museu rural. Há um brasileiro que trabalha lá e sempre me cobra uma visita. Também marquei encontro com um produtor e pude conhecer mais sobre vários detalhes da agricultura. Neste dia eu também degustei os pratos tradicionais a base de batata e me diverti muito.

Ezequiel Redin:

Estamos chegando ao final da *live*, E agora eu vou deixar as considerações finais do Prof. Zuin e da Roberta.

Luís Fernando Soares Zuin

Roberta muito obrigado, nós aprendemos muito com você. E pode ter certeza de que a gente vai te chamar mais vezes para conversar junto conosco e a comunidade do portal extensionista e da Rede Aurora. Muito obrigado!

Roberta Züge

Eu que agradeço, é um prazer e sempre que precisar eu estou à disposição. Eu gosto de falar. Vocês já perceberam, podem me chamar, é um prazer compartilhar o que eu estou aprendendo aqui. Acho muito importante trocarmos essas informações. O Brasil tem muito para ensinar, também. Às vezes eu mostro umas fazendas do Brasil para o pessoal daqui e falo: “Não, isso vocês não têm aqui, há fazendas tecnificadas, com energia solar, nós também temos isso”. Ao mesmo tempo temos muito para aprender. Principalmente, porque que é uma cultura muito antiga, um viés diferente, uma sociedade diferente, que tem coisas que podemos aproveitar.

Agradeço a todo mundo que está assistindo, um abraço e até a próxima.

Ezequiel Redin

Muito obrigado, gente. Então estamos fechando a nossa *live*. A Tecnologia no Campo Frente ao Multilinguismo Europeu. Muito obrigado Roberta e até uma próxima oportunidade.

DIÁLOGOS NA EXTENSÃO RURAL

Semeando propostas, compartilhando saberes

ISBN 978-65-265-1108-4



9 786526 511084 >

aur-ra
Rede Latino-americana de Diálogos em Aberto Digital

Volume 2